

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
UNISAL – CAMPUS MARIA AUXILIADORA

Gabriel Sarmiento Eid

**Produção de subjetividades de jovens de uma escola
profissionalizante no contexto da sociedade de consumo.**

Americana

2016

Gabriel Sarmento Eid

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES DE JOVENS DE UMA
ESCOLA PROFISSIONALIZANTE NO CONTEXTO DA
SOCIEDADE DE CONSUMO

Dissertação de Mestrado apresentado
como exigência parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Educação no
Centro Universitário Salesiano de São
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Renato Kraide
Soffner.

Americana

2016

E34p	<p>Eid, Gabriel Sarmento. Produção de subjetividades de jovens de uma escola profissionalizante no contexto da sociedade de consumo. / Gabriel Sarmento Eid. – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2016. 126 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP. Orientador: Renato Kraide Soffner. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Educação sociocomunitária. 2. Sociedade de consumo. 3. Subjetividade – Brasil. I. Eid, Gabriel Sarmento. II. Centro Universitário de São Paulo. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 374</p>
------	--

GABRIEL SARMENTO EID

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES DE JOVENS DE UMA ESCOLA PROFISSIONALIZANTE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DE CONSUMO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação – área de concentração: Educação Sociocomunitária.

Linha de pesquisa:
A intervenção educativa sociocomunitária: linguagem, intersubjetividade e práxis.

Orientador: Prof. Dr. Renato Kraide Soffner

Co-orientação: Profa. Dra. Norma Silvia Trindade de Lima

Dissertação defendida e aprovada em ___/___/_____, pela comissão julgadora:

Prof. Dr. João Carlos Caselli Messias – Membro Externo
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Profa. Dra. Fabiana Rodrigues de Sousa – Membro Interno
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Prof. Dr. Renato Kraide Soffner – Orientador
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

À rosa, à raposa e ao piloto.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos àqueles que me ajudaram direta ou indiretamente nessa pesquisa: aos jovens que participaram dessa pesquisa e que foram fundamentais nela; aos professores e colegas do programa de mestrado pelos ensinamentos e diversas recomendações de leitura e escrita; aos vários mestres que me orientaram; e à minha família e amigos que me apoiaram e também ajudaram em tudo que foi possível.

RESUMO

O consumismo, e o endividamento crônico resultante dele, são um dos maiores males do século XXI, vários estudos apontam para os efeitos devastadores desses dois males sobre as pessoas, famílias, empresas, sociedades e governos. No Brasil tanto o consumismo quanto o endividamento crônico, em especial os jovens, vem crescendo vertiginosamente nas últimas décadas, fato que ocorre por conta de inúmeros fatores, podendo ser citados: o forte apelo comercial, a ausência de educação financeira básica, o crédito facilitado, entre outros. Tendo isso em vista, e baseando-se nas teorias sobre Subjetividade, Sujeito, Modos de Subjetivação, Educação, Cultura e Sociedade de Consumo de autores como Baudrillard, Bauman, Deleuze, Foucault, Guattari, Rolnik, Silva, Veiga-neto, entre outros, esta dissertação buscou analisar as influências das diversas subjetividades produzidas pela sociedade de consumo sobre os discursos de um grupo de 38 jovens do ensino técnico profissionalizante, além de tentar compreender melhor o fenômeno do consumismo e discutir o papel da educação financeira e sociocomunitária diante disso. Para promover esse debate este estudo se valeu de uma pesquisa qualitativa que utilizou a roda de conversa como instrumento para coleta de dados verbais e não verbais levantando, assim, as concepções desses participantes acerca de diversos temas. Por meio da análise de conteúdo dos dados coletados nas 24 rodas de conversa realizadas, constatou-se que há influência da lógica do capital sobre os discursos desses jovens, assim como, também foram possíveis de ser observadas algumas singularizações. Por fim, ao longo da execução das rodas de conversa foi possível observar um processo de auto reflexão dos participantes que problematizaram os temas e a sua própria realidade.

Palavras-chave: Sociedade de Consumo, Educação Financeira, Educação Sociocomunitária, Produção de Subjetividades, Roda de Conversa.

ABSTRACT

Consumerism, and the chronic indebtedness resulting from it, are amongst the greatest problems of the 21st century. There is an increasing number of studies that seek to expose the devastating effects both of these issues bring upon people, their families, their enterprises, their societies and their governments. In Brasil both consumerism and chronic indebtedness, especially in young members of society, are rapidly expanding these last few decades, a fact that can be attributed to innumerable causes, most notably: great commercial appeal, the lack of basic financial education, credit and capital being easier to obtain. Taking this into account, and considering the theories about Subjectivity, Subject, Subjectivity modes, Education, Culture and Consumerism based Society by Baudrillard, Bauman, Deleuze, Foucault, Guattari, Rolnik, Silva, Veiga-neto, among others, this study intends to analyze the influences of the various subjectivities produced by the consumerism based society on the speech of 38 participants from a technical school, beyond that this study also aims to understand better the consumerism and also discuss the role that financial literacy and sociocomunitarian education have in this matter. To promote this debate the study in question is backed by a qualitative research performed using the "conversation circle" method as an instrument to collect both verbal and non-verbal data. By using the content analysis method on the data collected among the 24 dynamics done, the influence of the capital logic has been observed on the speech of those young adults, also, some singularizations have been observed as well. To conclude, during the execution of the conversation circles it was possible to observe a self-reflect process among the participants while they were problematizing the themes and their own reality.

Keywords: Consumerism based society, Financial Education, Sociocomunitarian education, Subjectivities Production, Conversation circles.

Sumário

<u>APRESENTAÇÃO/MEMORIAL.....</u>	<u>10</u>
<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>17</u>
<u>CAPÍTULO 1 – CONCEPÇÃO DE SUJEITO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE....</u>	<u>31</u>
<u>CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE DE CONSUMO E A SUBJETIVAÇÃO CAPITALISTA...42</u>	
<u>CAPÍTULO 3 – JUVENTUDE E EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA.....</u>	<u>56</u>
<u>CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</u>	<u>69</u>
<u>4.1 – RODA DE CONVERSA E OBSERVAÇÃO DIRETA OU PARTICIPANTE.....</u>	<u>72</u>
<u>4.2 – SUJEITOS DA PESQUISA, CAMPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTO DE REALIZAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA.....</u>	<u>77</u>
<u>4.3 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DE DISCUSSÃO DOS DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....</u>	<u>83</u>
<u>CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</u>	<u>87</u>
<u>5.2 – RODAS DE CONVERSA SOBRE SUCESSO.....</u>	<u>95</u>
<u>5.3 – RODAS DE CONVERSA SOBRE FELICIDADE.....</u>	<u>98</u>
<u>5.4 – RODAS DE CONVERSA SOBRE TRABALHO E ESTUDOS.....</u>	<u>103</u>
<u>5.5 – RODAS DE CONVERSA SOBRE CONSUMO E CONSUMISMO.....</u>	<u>107</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>114</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>123</u>

APRESENTAÇÃO/MEMORIAL

Meu interesse pelas finanças começou cedo, desde pequeno quando comecei uma coleção de moedas e cédulas. Desde então me interessei pelo conceito de dinheiro, por sua função nas nossas vidas e sobre a importância de poupar. Lembro-me que ganhei um “cofrinho” quando era pequeno e que guardava todas as moedas e os trocados que sobravam do dinheiro do lanche na escola, não demorou muito e logo aos oito anos já havia aberto minha primeira poupança.

Lembro-me, também, que na oitava série já havia decidido que estudaria Ciências Econômicas e me tornaria um consultor, até escrevi isso no meu “yearbook” de formatura da 8ª série. Gostava das disciplinas básicas do curso de economia: história, matemática, geografia, estatística e filosofia.

Então, quando na época do colegial comecei a aprender violão e após alguns meses de aula, comecei a ajudar meu professor a ensinar os alunos mais novos, foi a primeira vez que ensinei alguma coisa à alguém. Nessa mesma época comecei a participar na Pastoral da Juventude Estudantil do Colégio Dom Bosco (PJE) e ajudei durante 3 anos na organização do Oratório. Esses primeiros contatos que tive com a atividade de lecionar começaram a me instigar a seguir esse caminho profissional.

Continuei aos poucos a lecionar de maneira informal durante a graduação, organizava vários grupos de estudos no qual eu auxiliava meus colegas de sala com os estudos para as provas e nas outras atividades.

Porém, por questões financeiras, comecei a estagiar no último ano da graduação e interrompi todas essas atividades, pois, precisei me dedicar exclusivamente ao emprego. Foi um ano de muitas experiências negativas, viver a “frieza” do mundo corporativo e “sentir na pele” as dificuldades da vida de empregado em uma grande empresa no Brasil

foi um aprendizado que definiu os rumos que iria tomar na vida.

Aprendi que tudo o que você sabe de nada vale em uma grande empresa, os 4 anos de graduação integral só servem pelo título de graduado, na empresa você tem apenas de ser um “robô” – ou como me apelidei na época, um “animal treinado” – não deve ter opinião, não pode buscar soluções para suas atividades, deve evitar ter e dar opiniões. Apenas obedeça e cumpra suas funções banais – funções que não exigem nem um décimo do que você aprendeu na faculdade – pois cada segundo que você perde falando, pensando e “respirando” representa um prejuízo para os “pobres” acionistas da empresa.

Após conversar com meus amigos de faculdade sobre suas respectivas experiências profissionais percebi que a situação pela qual eu passava era a regra nesse mundo corporativo. Logo, vi que tudo que aprendi na faculdade jamais seria utilizado na minha vida profissional, nem mesmo se alcançasse – após uns bons anos de “dedicação” – altos cargos gerenciais, alguns de meus amigos são hoje gerentes e diretores em grandes multinacionais e retrataram que a situação não mudou em nada, continuam desempenhando atividades banais e sem relação nenhuma com nossa graduação, a única coisa que mudou é o salário, a responsabilidade e o regime de trabalho, não há uma semana que eles trabalhem apenas 40 horas semanais.

Além disso, atuei na área contábil e financeira e tive acesso aos números da empresa e vi o quão absurda era a relação entre salários dos funcionários e o lucro, apenas um mês do lucro era o suficiente para pagar os salários de todos os 20 funcionários do meu departamento durante 10 anos. O funcionário no Brasil é hoje tratado como uma mera engrenagem, recebe muito pouco e trabalha muito, é obrigado a ter titulações desnecessárias para as suas atividades, tudo isso para proporcionar aos “donos” da empresa seus lucros exorbitantes.

Após formado, abandonei o emprego e fui investir na minha

educação para me tornar professor e no meu projeto de abrir uma consultoria especializada, voltada ao público de baixa e média renda. Fazer parte desse sistema nefasto, se possível, nunca mais.

Fiquei dois anos estudando disciplinas das mais diversas áreas e tentando programas de mestrado em várias áreas. Nesse mesmo período, comecei a participar da reestruturação e realização de um programa de educação financeira para os funcionários da Unicamp, o PROAF. Era um programa completo, inicialmente o funcionário tinha a sua disposição uma equipe de psicólogos, economistas e assistentes sociais realizando atendimentos. Em seguida, eram realizadas atividades como palestras e oficinas sobre planejamento financeiro pessoal e familiar, consumismo, planejamento de aposentadoria e investimentos. Durante dois anos realizei essas oficinas expositivas, dinâmicas em grupo e elaborei o material didático utilizado pelo programa.

Aproveitando a oportunidade do programa da Unicamp – e também por questões legais – eu e meu sócio, Frederico, abrimos a nossa consultoria, bem antes do planejado, e começamos a realizar nossas palestras e oficinas em outros locais além da Unicamp. Desde 2012 estamos fazendo isso, a cada ano aprimorando e nos desenvolvendo.

É uma luta diária, ter de convencer empresários da importância de se investir na educação de seus funcionários, em especial, aqueles que estão na base da “cadeia alimentar” corporativa. Oferecer serviços para seus diretores e gerentes é fácil, mas explicar a eles porque devem investir na educação do faxineiro é outra história.

Nesse tempo que venho realizando as oficinas na Unicamp e em outras empresas tive muitas experiências diferentes, contato com pessoas em situações das mais diversas, sempre aprendendo algo novo, conhecendo formas diferentes de lidar com as finanças no cotidiano. Mas na grande maioria dos casos, notei uma similaridade, o desejo das pessoas em conhecer esse assunto, ao final das oficinas

quando realizávamos uma pesquisa para avaliar o programa todos sempre “reclamavam” dizendo que queriam mais oficinas, mais tempo e mais atividades – como era um programa padronizado, tanto na Unicamp, quanto nas empresas, sempre havia um limite de tempo – e isso me fez perceber o quão relevante e importante esses programas estavam sendo para essas pessoas.

Foi graças a essa experiência que criei um grande interesse na educação e, conseqüentemente, busquei me informar sobre programas de mestrado nessa área. Acabei encontrando o programa da Unisal e me identifiquei muito com o objetivo do programa. Além disso, já havia estudado na rede Unisal de Americana desde os 5 anos de idade até os 17 anos, e sentia vontade de voltar à instituição, acabou sendo uma “coincidência” perfeita, estudar num programa excelente numa instituição com a qual me identifico muito.

Durante minha carreira como educador financeiro para jovens e adultos, vivenciei diversas situações de endividamento crônico que foram ocasionadas pela falta de conhecimento dos alunos sobre a temática das finanças pessoais. Porém, apenas a falta de conhecimento técnico financeiro não era suficiente para explicar o grau de endividamento que esses haviam contraído, uma vez que existiam diversos casos de pessoas endividadas que tinham conhecimento de finanças.

Na grande maioria das vezes pude observar que as raízes desse endividamento eram mais ligadas ao consumismo do que a qualquer outro fator. O grande problema disso tudo está nos principais males ocasionados pelo endividamento crônico, uma consequência quase sempre presente naqueles que são consumistas, tais como o estresse, depressão, redução na qualidade de vida e dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Desde que iniciei minha graduação em ciências econômicas sempre tive uma grande preocupação com a gestão eficiente do

dinheiro. Preocupava-me em como minha família geria seus recursos, em como meu governo geria suas receitas tributárias e assim por diante. Tal preocupação me levou a me especializar em finanças corporativas, mercado de capitais e economia orçamentária. Conseqüentemente, logo passei a trabalhar com educação financeira para jovens, adultos e aposentados.

Há muitos anos ministro palestras, oficinas e minicursos, elaboro materiais didáticos e de orientação para esses vários públicos e com várias temáticas em torno das Finanças Pessoais e Familiares. E foram nessas experiências que minha inquietação nasceu. Por conta dos questionários e avaliações que aplicava antes das atividades, pude observar que mais da metade dos meus alunos vivenciaram situações financeiras adversas por conta da falta de conhecimentos básicos de educação financeira. Além disso, mais de 80% dos participantes adultos me relataram que se complicaram financeiramente por conta da falta de uma educação financeira quando estes eram mais jovens.

Também me disseram que muitos de seus “vícios” de consumo eram fruto dessa falta de educação e que boa parte das dívidas contraídas e das causas do descontrole financeiro em suas vidas poderiam ter sido contornados ou minimizados se eles tivessem a consciência e o conhecimento que tinham, após assistirem às oficinas de educação financeira.

Minha inquietação se agravou quando constatei que nenhum dos mais de 2 mil alunos que assistiram as oficinas haviam tido, em momento algum de suas vidas, qualquer tipo de contato com os conteúdos apresentados. Todos haviam iniciado sua vida profissional e financeira com base apenas nos poucos conhecimentos que lhes foram transmitidos informalmente por familiares e amigos.

Porém, cabe aqui uma observação muito relevante, quando falo em educação financeira não me refiro apenas ao básico instrumental da educação financeira que é divulgada publicamente, ou seja, juros,

orçamento pessoal/familiar, produtos e serviços financeiros e assim por diante. Refiro-me a uma concepção de educação financeira muito mais abrangente, com mais foco na Educação do que na Financeira, que discuta e promova uma reflexão crítica acerca do papel do dinheiro no cotidiano das pessoas, do consumo, das causas e consequências do consumismo, além, é claro, de abordar de forma objetiva e prática as questões específicas das finanças pessoais.

Devo acrescentar que os tópicos de finanças apresentados nas oficinas, palestras e minicursos não continham nada de extraordinário, na maioria dos casos expus conceitos simples e informações de fácil acesso. A grande diferença estava em três fatores: na maneira como essas informações foram apresentadas, com base em exemplos diários (Objetividade); na abordagem dos temas em que o foco era a melhoria da saúde financeira dos alunos, em alcançar sonhos, metas e objetivos (Imparcialidade); e no debate reflexivo junto com os alunos sobre o papel do dinheiro, do consumo na vida deles e na sociedade (Subjetividade).

Além disso, também era exposto aos alunos – não apenas de forma direta, mas também por meio de dinâmicas, vídeos e debates – como o sistema capitalista contemporâneo, de uma maneira implícita e dissimulada, por meio de seus vários mecanismos de alienação e subjetivação – mídia, agentes do mercado, governo, instituições financeiras, de ensino etc. –, nos induz a hábitos e atitudes que levam ao consumismo, ao imediatismo e ao endividamento crônico para, assim, manter a economia “deles” – o sistema capitalista – funcionando.

Logo, quando lhes foram apresentados os conteúdos básicos de educação financeira e como a sociedade em que vivem atua em prol dos objetivos do sistema político-econômico, todos se mostraram inconformados ao perceberem como a maioria desses agentes econômicos buscava induzi-los ao consumismo e à utilização de

produtos e serviços financeiros que nem sempre lhes eram necessários, resultando muitas vezes em endividamentos desnecessários.

Muitos tomaram ciência das fraudes que sofreram e de como seus direitos foram desrespeitados e, logicamente, ficaram frustrados ao perceber que boa parte de seus problemas financeiros atuais estavam relacionados a essa sistemática nefasta e como a maioria desses problemas poderiam ter sido minimizados se ao longo de sua educação escolar tais temáticas tivessem sido abordadas.

E este estudo nasceu dessa inquietação pessoal deste autor diante desse cenário, da falta de educação financeira da população brasileira e de sua alienação diante de temas cotidianos como dinheiro, consumo e produtos financeiros bancários.

Espero ao longo do programa poder desenvolver melhor minha didática e com a minha pesquisa, aprimorar o programa de educação financeira que já possuo. Espero, também, conseguir disseminar a cultura da educação financeira não apenas nas empresas mas no campo da educação, seja ela na escola ou em casa.

INTRODUÇÃO

O Brasil vivenciou nos últimos 15 anos um significativo aumento da renda nacional e de melhoria dos indicadores sociais, porém, nesse mesmo período o grau de endividamento das famílias – mais alarmante ainda, o dos jovens – cresceu vertiginosamente.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – (2011), pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC – (2014) e pelo Banco Central – BC – (2014) constataram que mais de dois terços da população brasileira está endividada e com boa parcela da renda comprometida pelo pagamento dessas dívidas, além disso, foi inquirido, também, que 5 em cada 6 famílias brasileiras têm problemas para manter o orçamento mensal equilibrado.

Esse cenário de endividamento já é uma realidade e isso tem um impacto negativo sobre a economia nacional e sobre a qualidade de vida das pessoas. É necessário ressaltar, porém, que o endividamento em si não se traduz em um problema, até certo grau o endividamento pode ser justificável na atual configuração do sistema capitalista, até mesmo, pode ser considerado “justificável” ou administrável.

O problema em si começa quando esse endividamento passa a comprometer uma parte considerável da renda do indivíduo – quando ultrapassa 30% de sua renda líquida¹ –, quando resulta em altos encargos financeiros – decorrentes de dívidas contraídas com produtos financeiros que têm altas taxas de juros tais como o cartão de crédito, cheque especial e carnês – e termina por deixar o indivíduo inadimplente².

Quando esse cenário se configura, temos o chamado endividamento crônico, esse sim é nocivo à economia, sociedade,

¹Renda líquida significa a renda após a dedução de tributos sobre o salário.

famílias e, principalmente, à pessoa endividada.

Muitas pesquisas realizadas por grandes instituições³ já constataram que faltas, desatenção, preocupação, stress, redução da produtividade, aumento de acidentes e até mesmo demissões são muitas vezes resultado de problemas relacionados à saúde financeira dos funcionários.

Diversas pesquisas⁴ constataram, também, que o endividamento está presente em todas as camadas socioeconômicas e em todas as faixas etárias, desde jovens endividados no cartão de crédito e que gastam todo o salário para quitar as dívidas, até idosos que precisam recorrer ao crédito consignado e comprometer, assim, sua aposentadoria por um longo tempo.

Essas pesquisas constataram que nível de educação, gênero, idade e renda são irrelevantes, o endividamento crônico está afetando a todos. Outro apontamento relevante dessa pesquisa está no fato de que muitos dos entrevistados afirmaram estar dispostos a fazer qualquer coisa para sair da situação de endividamento, inclusive recorrer a um segundo emprego, forçar sua demissão, entre outras “soluções”⁵.

Adicionalmente, nesses estudos foi possível averiguar que o tipo

2Quando o indivíduo não quita suas obrigações financeiras após determinado período, que varia dependendo do tipo de obrigação financeira – podendo ser de 30, 60 ou 90 dias –, e então seu nome fica “negativado”, ou seja, vai para o cadastro de inadimplentes do SPC/SERASA até que a obrigação seja quitada. Tal situação pode, inclusive, levar a pessoa a um processo judicial.

3MetLife Co., PFEFF, Kim et al.(2006), Garman et al.(1996), Ensminger & Celentano (1988, Johns Hopkins University), AFPCE, Jacobson et al (1996), Fleury & Fleury (2001), IHEP, Fletcher, Beebout & Mendenhall (1997), University of Minnesota, Stanton Chase, FGV e Fundação Cesp.

4Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar, 2008-2011 – IBGE; Pesquisa Orçamentaria Familiar, 2008-2009 – IBGE; Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, 2012-2015 – CNC; Relatório de Estabilidade Financeira, 2014 – Banco Central.

de dívida contraída pelos brasileiros foi, predominantemente, fruto de decisões de consumo imediatistas, resultando em excessivos parcelamentos, má utilização do cartão de crédito e do cheque especial, o que pode ser confirmado pelo fato de quase 90% das dívidas contraídas pelos brasileiros se concentrarem em três produtos financeiros: Cartão de Crédito, Cheque Especial e Carnês de lojas (CNC, 2014).

Esses três produtos financeiros são, na maioria das vezes, utilizados em situações de consumo varejista, ou seja, bens de baixo valor, o que significa, que com um pouco de disciplina e economia, poderiam ter sido comprados à vista, sem a contração de uma dívida e sem recorrer aos parcelamentos. Esses produtos financeiros são também os que mais geram juros ao endividado, levando-o rapidamente à inadimplência. Além disso, essas pesquisas apontam que a dívida média chega a R\$5200⁶ por família.

De certa forma, poderia ser dito que esse valor é baixo uma vez que dívidas contraídas mediante financiamentos imobiliários ou veiculares extrapolariam esse valor facilmente. Por outro lado, em um país cujo salário médio da maior parte da população não passa dos R\$2000⁷, que tem as taxas de juros mais altas do mundo e um custo de vida elevado, uma dívida de R\$5200 pode comprometer o orçamento dessa família por muitos meses.

E a situação fica mais complicada quando a família tem indivíduos jovens, segundo Lourenço (2013), quando um domicílio conta com indivíduos jovens o comprometimento da renda familiar se agrava,

5Tais como: Pedir a um auxílio-doença no INSS e continuar trabalhando, se aposentar e continuar trabalhando, empréstimos ilegais de agiotas etc.

6Peic.CNC, 2014

7PNAD. IBGE, 2008-2011.

ficando até 5% maior do que a média nacional. A mesma pesquisa apontou, também, que os domicílios sem jovens são dos poucos que conseguem poupar até 5% de sua renda – vale ressaltar que, segundo o BC (2014) apenas 8% da população brasileira consegue poupar dinheiro regularmente.

Outra pesquisa sobre o assunto, realizada pela SERASA (2014a), constatou que os jovens entre 16 a 24 anos são os que possuem menos controle da sua vida financeira no Brasil. De acordo com a pesquisa, 40% admitem não manter a vida financeira sob controle. Além disso, entre 2000 e 2010 o número de jovens inadimplentes passou de 2% para 8% da população.

E tal problema não se resolve com o tempo, segundo pesquisa do IBGE (2011) cerca de 60% dos aposentados precisam continuar trabalhando, para manter suas necessidades básicas, parte disso por conta de falta de planejamento financeiro e por conta de endividamentos contraídos ao longo da vida e durante a própria aposentadoria.

Acerca desse problema, diversas causas podem ser citadas como as responsáveis por essa crescente do endividamento e do endividamento crônico, segundo o Banco Central (2014) a população brasileira tinha uma demanda reprimida que começou nas décadas 80 e 90, com a estabilidade de preços e o crescimento da economia nos anos 2000 aliada à política de expansão do crédito ao consumidor, o que se observou foi um crescimento demasiado do consumo das famílias, crescimento esse que, por conta do crédito facilitado, foi desproporcional ao crescimento dos salários, resultando assim num crescimento vertiginoso dos endividamentos.

Porém, segundo pesquisas realizadas por diversas instituições⁸e

8Pesquisa Orçamentaria Familiar, 2008-2009 – IBGE; Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, 2012-2015 – CNC; Relatório de Estabilidade Financeira, 2014 – Banco Central.

pelo SERASA (2014b) as causas desse endividamento não se explicam somente por fatores econômicos, constatou-se que 8 em cada 10 dos domicílios a família tem parcial ou nenhum conhecimento sobre as finanças da casa, um valor alarmantemente alto.

Essas mesmas pesquisas constataram que há uma relação direta entre endividamento crônico e o baixo grau de conhecimento financeiro. Segundo o SERASA (2014a) cerca de 2 terços dos inadimplentes afirmaram não possuir conhecimento sobre finanças pessoais, não sabiam o quanto gastavam mensalmente e nem mesmo tinham certeza de quanto ganhavam por mês. Porém, apenas o conhecimento técnico de finanças não foi condição determinante para evitar o endividamento, uma vez que 1 terço restante dos inadimplentes havia afirmado possuir conhecimento de finanças pessoais.

Contudo, alguns estudiosos do assunto afirmam que as raízes do endividamento são meramente objetivas, Agarwal et al.(2009) relatam em sua pesquisa que os erros em decisões financeiras são mais comuns entre os jovens e idosos pois são aqueles que apresentam um menor grau de conhecimento financeiro e capacidade cognitiva. Logo, concluem que a educação financeira pode atuar instrumentalizando esse público nas matérias financeira e assim, diminuir o seu grau de endividamento.

Porém, a existência do endividamento crônico demonstra que o endividamento não se trata apenas de uma questão objetiva, senão, a reincidência não seria tão frequente, pois as experiências passadas serviriam de lição e logo, os sujeitos, por serem racionais – como afirmam muitos desses economistas –, iriam aprender com seus erros e evitariam assim novos endividamentos descabidos.

Segundo a CNC e o BC (2014) cerca de 8% da população brasileira vive em um círculo vicioso de inadimplência – outra

consideração importante dessa pesquisa é que nos últimos 10 anos, esses números só cresceram, apesar de no mesmo período todos os indicadores sociais e econômicos terem melhorado –, segundo a SERASA (2014b) quase 40% desses inadimplentes é de reincidentes, conferindo-lhes o status de endividados crônicos.

Além disso, segundo a SERASA (2014a) mesmo após serem orientados financeiramente, ou passarem por audiências de mediação para sanar as pendências financeiras, quase metade dos endividados voltam a se endividar em menos de um ano, o que reforça a ideia de que o problema com o endividamento vai além da falta de conhecimento técnico sobre finanças.

E por fim, pesquisas realizadas por diversas instituições que pesquisam sobre marketing e consumo no Brasil⁹ apontam que uma das possíveis raízes para o endividamento no crônico no Brasil, em especial o dos jovens, pode estar em seus hábitos de consumo.

Essas pesquisas apontam que enquanto um consumidor padrão deveria gastar 70% de sua renda com os gastos básicos – definidos pelo IBGE como: Alimentação, Habitação, Transporte e Saúde – o jovem brasileiro gasta até 50% de sua renda com produtos não essenciais tais como vestuário, celular, produtos de beleza, bebidas e lazer, deixando de lado as despesas mensais mais importantes, logo, acabam se endividando no cartão de crédito por não conseguirem pagar pelos produtos que consumiram e no cheque especial que é utilizado para pagar as despesas básicas mensais tais como água, luz, supermercado etc. No fim, acabam contraindo duas dívidas, com altíssimos encargos mensais, com origens distintas: consumo exagerado e não planejado e as inevitáveis despesas mensais.

Com base nessas diversas evidências e fatos, é possível discutir que uma das causas do endividamento crônico dos jovens brasileiros,

⁹Kantal Worldpanel, 2014; SCPC Brasil, 2014; Boa Vista Serviços, 2015;

além das diversas outras já mencionadas, tenham alguma relação com o consumismo. O consumismo se caracteriza pelo excesso de consumo de produtos não essenciais resultando assim no endividamento crônico. Em todo o mundo esse mal vem crescendo, porém, pouco é discutido acerca desse tema no campo da educação financeira.

O consumismo não é amplamente considerado pelos especialistas financeiros como uma das causas do endividamento, tais estudiosos defendem que se o indivíduo possui conhecimento sobre finanças vai saber equilibrar seu nível de consumo ao seu nível de renda. Porém, a realidade e as pesquisas aqui mencionadas demonstram que essa não é uma teoria válida. Uma vez que mesmas famílias instruídas e com elevado nível de renda também vivenciam situações de endividamento crônico.

Segundo uma ampla pesquisa bibliográfica realizada por Savoia et al. (2007) acerca dos programas de educação financeira no mundo e no Brasil, poucos são os programas de educação financeira que abordam temáticas latentes tais como o consumismo e a organização da sociedade capitalista contemporânea e sua influência sobre os desejos de consumo.

Ainda segundo os autores, no Brasil a maioria dos cursos e programas de educação financeira no Brasil buscam: à simples instrumentalização ou orientação de seus participantes; focam na venda indireta de produtos financeiros; ou são um instrumento de divulgação de investimentos, tais como ações e títulos na bolsa de valores.

Segundo outra pesquisa histórica de Lourenço (2013) a educação financeira no país, até recentemente, focava apenas na educação para a poupança e o investimento, era destinada ao público de classe mais alta e visava apenas a captação de futuros investidores para o mercado de capitais.

Esse cenário ainda é majoritário no Brasil, porém, esforços recentes empenhados pelo Banco Central tais como o Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF – tenta mudar essa realidade, promovendo o crescimento e desenvolvimento de programas de educação financeira mais amplos e que abordem temáticas do consumo e dos produtos financeiros BC (2015).

Nessa mesma linha, essa dissertação pretende debater e pensar na temática do endividamento crônico e do consumismo sob uma perspectiva mais ampla, menos positivista, mais subjetiva e humana. Além disso, como já foi citado, a realidade dos jovens brasileiros é preocupante, pois as pesquisas apontam que eles tem uma maior propensão ao consumismo e, logo, é preciso debater e problematizar tal afirmação. Ter sua vida prejudicada pelo endividamento tão precocemente é uma afronta que deve ser debatida e estudada.

Porém, compreender essa realidade do endividamento crônico só é possível mediante o estudo de tudo aquilo que permeia o consumir, é necessário debater como o consumo atua na sociedade, sua relação com as pessoas, entender o que leva o jovem a consumir além da conta e a se endividar, e conseqüentemente, estudar o ser humano e como este se forma, pois ao falarmos de consumo, estamos falando de um fenômeno essencialmente humano e social, que está presente na história da evolução humana desde os primórdios do escambo até o complexo sistema de consumo que temos hoje.

Diversos são os autores que estudam a evolução desse fenômeno chamado consumo, dentre eles, Baudrillard (1995) defende que a função social do consumo se alterou ao longo do tempo. Não basta mais consumir para suprir suas necessidades básicas, trata-se de consumir para suprir seus desejos.

Pode não parecer uma grande mudança mas a evolução do consumo está na base de uma alteração ainda maior, a da sociedade industrial capitalista para a sociedade de consumo (Bauman, 2008).

Enquanto o consumo existia apenas para suprir as necessidades básicas do ser humano, o papel social dele era pouco significativo, a economia girava em torno da produção e do trabalho, o papel das pessoas na economia era o de trabalhadores.

Com a alteração do papel do consumo a sociedade e a economia passaram a girar em torno do vender, do consumir, do crédito para o consumo, do constante crescimento dessas variáveis. Trabalhar e produzir se tornaram secundários na economia, produz-se para o consumo, trabalha-se apenas para ter uma renda que então servirá para o consumo, o papel das pessoas passa a ser o de consumidores e não mais trabalhadores ou soldados.

E isso só ocorre por conta dessa transformação do papel social do consumo, uma vez que as mercadorias vendidas passam a ser vendidas não por aquilo que elas suprem mas por suas significações, quando um carro deixa de ser vendido pelo simples fato de ser um meio de transporte, mas por ser uma representação de status, a realidade mudou consideravelmente.

Com isso, o sistema capitalista pós-moderno – o qual vivemos – caracteriza-se por ser um sistema voltado ao consumir, tudo passa a ser direcionado ao consumo, tornando-se difícil imaginar um momento cotidiano sem a sua presença, o lazer passa a ser um passeio no shopping center, a terapia para ansiedade a visita à loja de roupas, o potencial de consumo de uma pessoa passa a ser um diferencial social, quanto mais você pode consumir ou quanto mais caro você pode pagar por um produto, maior sua posição social, seu status.

Produtos e serviços antes básicos passam a buscar a diferenciação, uma conta no banco ou um plano de saúde são mais do que simples maneiras de guardar suas economias ou de cuidar da saúde, se um indivíduo paga mais por isso, ele tem direito a um cartão de crédito dourado, filas exclusivas, hospitais diferenciados e elegantes, tudo pelo status que isso representa.

Consumir no capitalismo atual é uma das formas de representação de liberdade, poder e status. Ao consumir o indivíduo busca mais do que simples produtos, está atrás de satisfazer seus desejos, porém, em uma realidade em que ele é bombardeado a todo o momento por inúmeras campanhas de marketing que visam influenciá-lo a comprar determinados produtos e serviços, até que ponto pode-se dizer, com certeza, que esses desejos são realmente do sujeito e não foram inseridos nele.

Há uma certa dificuldade em discutir certos temas que entrelaçam o Consumo, tais como: Dinheiro, Trabalho, Felicidade e Sucesso. Muitos dos produtos e serviços disponíveis ao consumo estão repletos de tais significações, que foram concebidas por meio de subjetividades fabricadas, homogêneas e alienantes, que buscam afetar o consumidor para criar desejos que só poderão ser satisfeitos mediante o consumo imediato, o que pode levar muitos ao consumismo e ao consequente endividamento crônico.

Falar de desejos de consumo pode soar como uma discussão muito complexa e subjetiva, e de fato para aprofundar essa discussão é necessário discutir como a subjetividade de um sujeito se constrói. Para isso, essa dissertação se apoia em teóricos como Foucault (2002), Guattari (2001), Rolnik (1996), entre outros para discutir a construção do sujeito e a produção de subjetividades.

Em suma, esses autores defendem que o ser humano não é como os animais, ele não nasce pré programado em seu código genético, sua personalidade, seus desejos, quem ele é, não está predeterminado e nem há um modelo padrão e ideal a ser seguido por todos. Todo ser humano é único, está em constante processo de (re)construção por meio de todas as experiências que vive. Ao mesmo tempo, que ele pode mudar com essas experiências ele também é capaz de promover tais mudanças.

Sendo assim, em uma sociedade de consumo, as diversas

mensagens e significações que são produzidas e reproduzidas podem levar à alteração do papel do consumo na vida das pessoas, podem resultar na naturalização do consumismo e do endividamento, uma vez que o sistema capitalista sobrevive do consumo e do crédito, tais naturalizações se fazem necessárias.

Dessa forma, passa a ser mais compreensível a pouca importância dada a educação financeira, tanto nas pesquisas acadêmicas quanto no próprio ambiente educacional, em especial àquela mais ampla que aborde essas temáticas, uma vez que indivíduos discernidos em relação a essa realidade poderiam se tornar um problema para a manutenção do status quo.

O sistema capitalista contemporâneo produz, acima de tudo, consumidores, se valendo de seus diversos mecanismos de subjetivação ele busca a homogeneização dos indivíduos por meio de uma lógica nefasta de economia de mercado com o único objetivo de se perpetuar; para que seus serviços e produtos sejam vendidos incessantemente o sistema necessita de seus consumidores - talvez até mais do que precisa de seus produtores - mais do que isso, para manter os elevados índices de crescimento e vendas ele precisa subverter a lógica do consumo, passando-a do necessário e útil para o desejoso e fútil, do consumidor para o consumista.

E diante disso, apesar dos incessantes esforços do discurso fatalista neoliberal, a educação financeira pode atuar como um contraponto, um espaço para processos de singularização, promover uma reflexão crítica diante dessa realidade. Acerca do discurso neoliberal recorro a Freire:

A ideologia fatalista imobilizante que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade

imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. (FREIRE, 1996, p. 21).

A educação financeira, apesar de sua pequena disseminação (BC, 2015), pode ser muito relevante na vida das pessoas, sendo um dos fatores responsáveis por uma vida melhor, através de mais proximidade da família, dos amigos, do trabalho, dos estudos, enfim, uma vida mais equilibrada para controlar o impulso de gastar sem critérios e objetivos.

Dessa forma, este estudo não buscou a elaboração de uma pergunta que pudesse ser respondida após a aplicação bem-sucedida de uma teoria objetiva comprovada estatisticamente a posteriori. O problema nasceu de uma dificuldade vivida pelos sujeitos dessa pesquisa, às vezes,, nem mesmo percebida por eles ou sequer reconhecida como um problema. Logo, para que seja “visualizada” pelo pesquisador, este precisa estar imerso, na medida do possível, na realidade de seus participantes de pesquisa, sendo este processo de imersão, indagação e a posterior análise disso tudo, o produto dessa pesquisa.

Por se tratar de um método para a pesquisa de fenômenos humanos, a delimitação do problema dessa pesquisa qualitativa não se deu por meio de um processo simples, objetivo e linear capaz de elaborar uma teoria explicativa a ser comprovada mediante uma experiência prática. Segundo Chizzotti (1995), o problema decorre de um processo indutivo que se vai definindo e se delimitando na exploração dos contextos ecológico e social, no qual se realiza a pesquisa e da observação reiterada e participante do objeto pesquisado, o que nesse caso, são os sujeitos dessa pesquisa e suas interpretações acerca de diversos temas tais como Dinheiro, Consumo, Felicidade, Sucesso, Consumismo, Trabalho e Estudos.

Frente ao exposto, a problemática desse estudo é tentar

compreender em que medida a produção de subjetividades dos jovens está sendo instigada pela atual configuração da sociedade de consumo. E debater o papel da educação sociocomunitária e financeira diante disso. Para isso, pretende-se conceituar o que é Sociedade de Consumo, o que é Subjetividade, Produção de Subjetividade e Mecanismos de Subjetivação. Além disso, será discutido o papel da educação frente à sociedade de consumo, tendo como recorte a produção de subjetividades dos jovens.

Por fim, nessa pesquisa a produção de subjetividades de um grupo de jovens foi analisada por meio da análise de seus discursos verbais e não-verbais produzidos ao longo de diversas rodas de conversa e assim, buscar discutir a influência das subjetividades desses jovens em relação às outras subjetividades que estão expostas cotidianamente, tais como as que a sociedade e seus pais produzem. Pretende-se também, no meio dessa análise, debater o papel da educação financeira e sociocomunitária diante disso.

Congruente com a natureza desse estudo e com o citado previamente, um espaço interativo foi idealizado para a realização dessas rodas de conversa, visando juntar a participação e acesso dos sujeitos e do pesquisador, incentivando a criação de novos conceitos e paradigmas que fossem capazes de produzir efeitos sobre os sujeitos. Essa pesquisa contou com a participação de 38 jovens com faixa etária de 16 a 21 anos, separados em 4 grupos de até 10 participantes. Foram realizadas 24 rodas de conversa, sendo 6 com cada grupo. Os temas abordados nas conversas foram: Dinheiro, Sucesso, Felicidade, Trabalho x Estudos, Consumo e Consumismo.

Portanto, no primeiro capítulo será abordado o conceito de produção de subjetividades, modos de subjetivação, mecanismos de subjetivação e concepção de sujeito segundo a linha de pensamento de teóricos como Guattari, Rolnik, Foucault e Deleuze.

No segundo capítulo é debatida a atual configuração da sociedade

capitalista tendo como recorte a temática do consumo e se embasando no conceito de sociedade de consumo que é discutido por autores como Baudrillard e Bauman.

Em seguida, no terceiro capítulo a temática dos jovens é abordada tomando diversos autores e instituições que discutem o tema e apresentada a concepção de educação sociocomunitária à luz de autores como Groppo, Gomes e Gadotti.

Depois, no quarto capítulo a metodologia e os procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa são apresentados, conceitos como pesquisa qualitativa, observação participante, roda de conversa, assim como o campo de pesquisa, os sujeitos da pesquisa e a Análise de conteúdo. Por fim, no quinto capítulo os dados produzidos nas rodas de conversa serão apresentados, organizados e discutidos à luz do arcabouço teórico apresentado. As considerações finais serão apresentadas, no final, seguidas das referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 – CONCEPÇÃO DE SUJEITO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

A concepção de sujeito e de produção de subjetividade utilizada neste estudo está pautada nas obras de Deleuze, Guattari, Rolnik e Foucault. Diante do arcabouço teórico desses autores, para tratar da concepção de sujeito é preciso compreender o conceito de produção de subjetividades.

Segundo Guattari e Rolnik (1996), a produção de subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Os autores entendem que a subjetividade não é algo que alguém consiga possuir, mas que ela é fruto de uma constante e incessante produção que ocorre a partir das experiências que vivemos em contato com a sociedade, a natureza, a cultura, enfim, tudo aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver.

Para construir essa concepção de sujeito os autores questionam em seus estudos a existência de uma linha de pensamento que conferiu ao homem uma “natureza humana”, segundo os autores: “O Sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um 'etré-la', algo do domínio de uma suposta natureza humana. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p.25)”.

Para os defensores dessa tradição filosófica, a existência da espécie humana já seria suficiente para atribuir a ela uma essência, uma naturalidade, é como se todo ser humano tivesse um “instinto” registrado nos seus genes que seria responsável por definir quem ele é e/ou será. Diante disso, os autores fazem a seguinte crítica:

Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de “coisas” desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia) ; uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma

relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p.34).

Foucault (2002) também questiona essa concepção filosófica moderna do sujeito constituinte e a substitui pela compreensão de que o sujeito é, na verdade, constituído historicamente pelas diversas instituições sociais, entre elas a escola, a fábrica e o quartel, assim como pelos diversos acontecimentos cotidianos que o afetam.

Ao discutir como os seres humanos se tornam sujeitos Foucault se vale de uma investigação histórica que vai desde o pensamento platônico dos gregos, e sua escolha sobre qual modo levar a vida, até o ascetismo cristão com seus julgamentos morais e com suas pressões sociais tentando reger os sentidos. Foucault (2004) verifica que na antiguidade havia, entre os gregos, diversas fórmulas pelas quais era possível se levar a vida, que a decisão de como levaria a vida partia do sujeito, havia uma grande preocupação com a soberania sobre si próprio. Essa escolha estética e política dos gregos sobre si mesmos é compreendida por Foucault como um modo de subjetivação possível no qual o sujeito é a figura central.

Seguindo essa linha de raciocínio ele assinala para o surgimento de uma pressão social afirmando que os modos de se levar a vida devem ser orientados a uma busca de um ser humano perfeito, ideal, e o motivo seria o simples fato de sermos humanos. Porém, tal modo de subjetivação é questionado ao longo da história e da evolução das diversas ciências que discutem a concepção de sujeito, novas visões sobre o sujeito vão sendo adotadas. Antes visto como central, o sujeito passa a ser compreendido como sendo resultado histórico e do meio em que vive.

Assim, Foucault (2004), ao longo de sua investigação histórica, vai evidenciar a transformação dos modos de subjetivação e da concepção de sujeito, dessa forma, ele aponta para a possibilidade dos modos de subjetivação se transformarem e se multiplicarem.

Logo, podemos dizer que a subjetividade é também mutante, se alterando a todo momento, a toda experiência que seja capaz de nos afetar. Guattari e Rolnik (1996) esclarecem também que tais implicações difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetivação que estão ao nosso redor, componentes que posteriormente serão chamados de mecanismos de subjetivação. Por isso mesmo que eles complementam sua análise dizendo que a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social.

Outro autor que discutirá a concepção de sujeito e que “conversa” com o arcabouço teórico de Guattari e Foucault é Gilles Deleuze. Para ele o sujeito não vem “pronto”, mas é construído nos dados dos acontecimentos cotidianos. Pode-se observar que o autor também rompe com a concepção de sujeito central, quando enfatiza: “A construção do dado cede lugar à constituição do sujeito. O dado já não é dado a um sujeito; este se constitui no dado.(DELEUZE, 2001, p.92)”.

Em sua análise sobre como o sujeito é construído Deleuze (2001) enfatiza:

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. (DELEUZE, p.90).

Para o autor o sujeito não é uma entidade já concebida, a todo momento ao longo de sua vida ele passa por diversos acontecimentos, alguns mais marcantes do que outros, experiências que ora serão sutis ora serão angustiantes, até mesmo experiências que o “forçarão” a se questionar e a produzir novos sentidos. Deleuze (1988) recorrendo à Foucault parte do pressuposto que a vida é complexa e problemática, repleta de forças que afetarão o sujeito das mais variadas formas e perturbá-lo. Conforme as palavras do autor:

O lado de fora diz respeito à força: se a força está sempre em relação com outras forças, as forças remetem

necessariamente a um lado de fora irreduzível, que não tem mais sequer forma, feito de distâncias indecomponíveis através das quais uma força age sobre a outra ou recebe a ação da outra (DELEUZE, 1988, p. 93).

Dessa maneira, o sujeito não pode ser dado como pronto, ele vai se constituindo conforme vai se relacionando com essas forças – Guattari faz uma análise semelhante ao discutir os mecanismos de subjetivação – e, assim, atribuindo sentido a esses encontros. Tal processo vai compondo o sujeito – provisoriamente –, portanto, tanto para Foucault quanto para Deleuze analisar o sujeito passa pela análise desse processo repleto de forças e sentidos, nas palavras de Foucault “... força de imaginar, de recordar, de conceber, de querer” (DELEUZE, 1988, p.132).

Esses diversos autores concebem o sujeito, uma entidade que vai sendo criada e recriada mediante o embate de diversas forças, de subjetividades, uma criatura mutante e em constante processo de constituição de si, sua existência é particular e histórica, repleta de sentidos que não vieram com ele mas foram concebidos por ele mediante às experiências que vivencia(ou).

Sendo assim, o descentramento da questão do sujeito para a da produção de subjetividade, ou seja, refutar a noção individualista de observar o método, resultado e ambiente mas reformá-la e reconfigurá-la para uma lógica social, coletiva e abrangente de sensibilidades é a maneira pela qual é possível compreender o sujeito e a sua subjetividade. (GUATTARI E ROLNIK, 1996).

Isso se deve pelo fato dos seres humanos não possuírem uma essência, uma naturalidade que nasce com ele, ao contrário dos animais, o ser humano não possui um instinto, não carrega em seu código genético informações que irão defini-lo, esta concepção de sujeito é defendida pelos autores: “Proponho, ao contrário, a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida”. (GUATTARI

E ROLNIK, 1996, p.25).

Logo, essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um resultado transitório, ao mesmo tempo em que cada um abriga os sentidos a que estão expostos, os sujeitos também os produzem e reproduzem, conseqüentemente, temos uma construção de subjetividades coletiva e em constante transformação. É possível considerar todo ser humano, assim como todo coletivo humano, produtores de subjetividade, propriedade que, caso considerada como um fluxo contínuo, abre a discussão sobre a radicalização de possibilidades dos engendramentos de subjetividades.

Pode-se observar, portanto, uma generalização e explicação provisórias para o significado de subjetivação: propriedades que, unificadas, formam e definem o "si", cabendo à subjetividade também um estilo de vida, ou como dito por Guattari:

De uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também místicas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ela se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões. (GUATTARI, 2001, p.21)

Mais explicitamente, porém, Guattari e Rolnik também afirmam:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de ideia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI E ROLNIK, 1996. p.31)

Mas também é necessário ressaltar que a propagação dessas

subjetividades se dá a partir de uma série de mecanismos de subjetivação dos quais os sujeitos podem vir a fazer parte. Segundo Guattari e Rolnik,

As máquinas de produção da subjetividade variam. Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p.25).

Logicamente, esses diversos mecanismos estão constantemente produzindo e reproduzindo, criando e “destruindo” concepções, noções, vivências, definições, enfim, produzindo e reproduzindo subjetividades. Dessa forma, há sempre o risco de que essas produções sejam capturadas e transformadas em novas referências para serem simplesmente reproduzidas pela sistemática capitalista.

Os autores enfatizam ainda que:

Os equipamentos coletivos – não só os de ação sanitária ou de higiene mental (ambulatórios, centros de saúde, etc.), ou de vida cultural (escolas, universidades, etc.) mas também a mídia – tendem a ganhar uma importância desmedida. Eles constituem o Estado em sua função ampliada. Operários de uma máquina de formação da subjetividade capitalística [...] . (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p. 40).

O sistema capitalista atualmente entende a notoriedade e importância das produções de subjetividades, considerando elas talvez as mais importantes entre as produções. Os mecanismos de subjetivação fabricam representações nas pessoas como forma de produção subjetiva, porém, pode ser observada a existência de um constante processo de reciclagem ou formação permanente da subjetividade.

As invenções sociais podem, porém, ser padronizadas, reproduzidas pelo coletivo. Existem inúmeras estratégias voltadas para normatizar e impedir desvios quanto à força subjetiva, dando-lhe uma direção. Como analisado pelos autores: “Tudo o que é do domínio da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e

de criar deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes (GUATTARI E ROLNIK,1996, p. 43)".

Campanhas publicitárias ou discursos políticos que se apropriam, sob a desculpa de "inspiração", de reproduções sociais ou culturais são uma ocorrência comum, e existem como parte das tentativas que buscam fixar a essa subjetividade fabricada e direcioná-la. Ao tomar uma posição homogeneizante e ordenada, as mensagens desses mecanismos perdem o seu significado original, aquilo que lhes dá vida. Porém, é necessário esclarecer que não se trata de um processo unidirecional e simples, nem que ele seja liderado por um agente específico, pois conforme Silva:

O que caracteriza a sociedade contemporânea é precisamente o caráter difuso desse mecanismo de regulação e controle, dispersos que estão em uma ampla série de instituições e dispositivos da vida cotidiana. A educação é certamente um desses dispositivos, central na tarefa de normalização, disciplinarização, regulação e governo das pessoas e das populações. (SILVA, 1994, p.253).

E é diante desse fato que o sistema capitalista atua, ao se valer de seus vários mecanismos de subjetivação, ele busca alterar a subjetividade dos sujeitos, moldá-los, e assim, moldar os discursos, as tendências, a fim de induzir a sociedade rumo a um modelo adequado para a sua perpetuação. Segundo Guattari e Rolnik:

A produção de subjetividade pelo Capitalismo Mundial Integrado é serializada, normalizada, centralizada, em torno de uma imagem, de um consenso subjetivo referido e sobrecodificado por uma lei transcendental. Esse esquadramento de subjetividade é o que permite que ela se propague, a nível da produção e do consumo das relações sociais, em todos os meios (intelectual, agrário, fabril, etc.) e em todos os pontos do planeta.(GUATTARI E ROLNIK, 1996, p. 40).

Dessa forma, segundo os autores, o ser humano é fabricado, moldado, definido pelas várias subjetividades que lhe são expostas, logo, todo ambiente em que ocorrer tal exposição poderá ter algum impacto sobre a construção da subjetividade desse sujeito.

Porém, como já foi dito, a maneira como cada pessoa interpreta de forma única e heterogênea a vida a seu redor resulta nas diversas subjetividades e sentidos produzidos e reproduzidos. Nesse sentido, valores, ideias e significados ganham um registro singular, há sim um conceito universal para muitas coisas, mas, ao mesmo tempo, há diversas outras possíveis significações para elas, cada ser humano tem o seu jeito de interpretar e de interiorizar suas experiências cotidianas e isso é a matéria-prima para a produção da subjetividade de cada um, para expressão dos afetos vividos nesses encontros, resultando assim, em constantes mutações. Acerca disso cito Guattari e Rolnik,

Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas. E se isso é verdade, não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social a nível macro político, macrossocial, diz respeito também à questão da produção de subjetividades, o que deverá ser levado em conta pelos movimentos de emancipação. (GUATTARI E ROLNIK,1996, p.26).

Segundo Guattari e Rolnik, através da conexão entre as grandes máquinas de produção de subjetividade que definem a maneira em que vemos e vivemos o mundo, pode-se constatar que tudo é produzido pela subjetivação capitalista, essa intrincada trama de mecanismos de subjetivação que vai influenciar os modos de viver das pessoas, por meio de um constante processo de produção e reprodução do qual os próprios sujeitos acabam por tomar parte, que o sistema capitalista vai se perpetuando, preservando sua lógica. O fortalecimento dessas referências apenas instiga uma luta que tentam eliminar aquilo que Guattari e Rolnik denominam como “processos de singularização”, uma espécie de desvio à tentativa de padronizar e traduzir a existência pelo crivo dominante do capital.

Os autores apontam para a existência de alternativas a esse sistema, formuladas com noções diferentes do padrão imposto, há produções de subjetividades que conflitam com o status quo, com a

lógica do capital. Dessa forma, o que Guattari e Rolnik denominam de processos de singularização desponta como um “antídoto” a esse processo alienante, uma forma de combater isso:

O que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p. 47).

Os autores percebem as relações de produção como desenvolvedoras de um tipo de trabalho que é, ao mesmo tempo, semiótico e material. A construção do trabalho, observada por padrões semióticos, não se restringe às localidades (tais como a escola), podendo ser analisada em coletivos (como a família) ou até em meios de entretenimento, assim como outras instâncias de formação da subjetividade. Independente de suas origens, Guattari e Rolnik ainda apontam a produção de subjetividades como matéria prima de toda e qualquer produção, devido à sua relação com o que se chama de infraestrutura produtiva, um dos motivos que liga a problemática micropolítica se situa no nível da produção de subjetividade.

Em sua visão, jornalistas, psicólogos, pedagogos, educadores e todos os que trabalham em comunidades de periferia que atuam, de alguma maneira, na produção de subjetividade, podem ser considerados trabalhadores sociais, presos em uma batalha de política e micropolítica fundamentais, sendo capazes de reproduzir modelos impostos pelo capitalismo ou impedir tais mecanismos. Tal escolha é resolvida por sua capacidade de se articular com os agenciamentos de enunciação (instâncias freudianas do inconsciente, consciente e subconsciente).

Convém entender que a subjetividade é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares, colaborando para um agenciamento coletivo de subjetividade que funciona a partir de uma linguagem criada como fato social. Essa

vivência, porém, pode ser constatada oscilando entre dois extremos: alienação e opressão, ou relação de expressão e criação.

Os indivíduos inseridos no capitalismo registram internamente suas ideologias, perceptíveis para o exterior como suas maneiras de ver o mundo, de se articular com o tecido social e com outros processos de trabalho que as pessoas têm. Acerca disso Guattari e Rolnik explicam:

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete a subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se repropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. Se aceitamos essa hipótese, vemos que a circunscrição dos antagonismos sociais aos campos econômicos e políticos (...) encontra-se superada. É preciso adentrar o campo da economia subjetiva não mais restringir-se ao da economia política (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p.33).

Discordando dos estruturalistas, os autores afirmam que a subjetividade é manufaturada como a energia, a eletricidade ou o alumínio, e não produzida pelos fatos de linguagem ou comunicação. Essa manufatura é provinda do indivíduo estar sendo constantemente bombardeado e rodeado por múltiplos mecanismos de subjetivação.

A singularização da subjetividade, portanto, pode ser desenvolvida através da associação e adoção de dimensões de diferentes espécies, podendo ser observada em vários estágios, tais como: a condição biológica do ser humano, seu comprometimento com o processo de nutrição e de sobrevivência. Outro estágio é o das relações socioeconômicas, da divisão entre classes: as feições individuais, assim como as atuações sociais e jurídicas do ser humano podem ser relacionadas e traçadas a diversos aspectos de integração e normalização da singularização.

Guattari e Rolnik, ao afirmar sobre os processos de singularização e subjetivação descarta, de certo modo, o conceito do indivíduo,

reconhecendo a subjetividade capitalista como um tipo de produção e aponta para a tendência a bloquear esses processos de singularização e reforçar processos de subjetivação que buscam alienar e homogenizar os indivíduos.

Segundo a lógica desses autores, vivenciamos diariamente uma luta e, durante ela, produzimos subjetividades, fato que influencia as mudanças sociais. Guattari e Rolnik sugerem uma dimensão política a essa luta que transmuta subjetividades, tendo os elementos fundamentais da produção de subjetividades variáveis porém que podem ser encontrados ao longo de uma observação histórica de seus contextos. A recusa que os autores assinalam visa um encontro com uma "dimensão desejante da vida", com o intuito de, agindo por meio dessa, reinventar os métodos de perceber e experimentar encontros.

Acerca disso, Foucault (apud. Dreyfus e Rabinow, 1995, p.235) também visualiza que algumas lutas políticas se fazem necessárias: contra as formas de dominação étnica, social, religiosa; contra as formas de exploração capitalista que separam produtores de seus produtos; contra a alienação, sujeição, submissão e outras formas de subjetivação.

Pode-se concluir, nessa linha de raciocínio que uma mudança social no nível macropolítico depende de um processo de singularização da subjetividade, tema marcado pela certeza que a representação teórica ou ideológica é inseparável da práxis social e de suas condições para existir. Entretanto, no próximo capítulo será exposto como o sistema capitalista, por meio de seus diversos mecanismos de subjetivação, vem ampliando sua dominação e sobrepujando os processos de singularização, mediante uma lógica do consumo e de naturalização do consumismo.

CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE DE CONSUMO E A SUBJETIVAÇÃO CAPITALISTA

Debater o conceito de sociedade de consumo implica discutir o que é consumo e qual seu papel na economia e na sociedade capitalista. Para tanto, é necessário compreender como o consumo evoluiu desde a antiguidade até a contemporaneidade. Dessa forma, este capítulo se embasa em diversos autores, entre eles Bauman e Baudrillard, uma vez que ambos tratam da sociedade pós moderna dando um enfoque na questão do consumo.

O dicionário de economia (Sandroni, 1999) define o consumo como sendo o meio pelo qual os indivíduos buscam a satisfação de suas necessidades e desejos, sendo inclusive apontado como o objetivo final de todo processo produtivo e, logo, umas das formas de promoção do crescimento econômico.

Em um mundo no qual o capitalismo é o sistema econômico vigente e tendo em vista como a economia trata do consumo, é possível conceber que o sistema, com o objetivo de se conservar, organizará toda a sua lógica em torno do consumo. Porém, o consumo nem sempre deteve tamanha importância.

Segundo Rosenberg (1986) desde a antiguidade até o fim da idade média o consumo era uma atividade de pouca relevância na sociedade ocidental, sendo o escambo a principal forma de troca de mercadorias e serviços. Isso se explica, entre outros fatores, pela falta de governos estáveis com moedas confiáveis e a falta de segurança para a realização de trocas comerciais, salvo alguns casos isolados na história, como por exemplo o período do império romano.

De fato, uma das características que demarcam o fim da idade média é o ressurgimento das rotas comerciais e o reestabelecimento das trocas comerciais entre povos e nações distintas, tal realidade contribuiu para o aumento considerável da riqueza do ocidente. Porém,

vale ressaltar que a posse de produtos de valor, desde antigamente já conferia certo status ao seu portador.

Rosenberg (1986) observa que após a primeira revolução industrial até 1880, época que marca o período da sociedade industrial, as nações ocidentais vivenciaram um período de grande crescimento econômico, fato que ocorreu graças a larga produção de bens, devido às revoluções industriais, associada às vendas proporcionadas pelo desenvolvimento do comércio à nível mundial, fato esse que só foi possível por conta do sistema econômico vigente que carregava consigo as tradições morais burguesas dos comerciantes do período pós idade média esse sistema que evoluiu do mercantilismo viria a ser conhecido como capitalismo industrial.

Bauman (2008) atenta para o fato de que, apesar de já possuir grande relevância, o consumo ainda não é o “carro chefe” da economia industrial, uma vez que a ordem econômica das nações do período industrial, como o próprio nome já diz, era marcada pela relevância da indústria e os indivíduos eram soldados e proletários nesse sistema, sendo, portanto, o consumo uma forma de satisfação das necessidades básicas. Porém, com o constante crescimento das economias apenas a venda daquilo que era necessário não basta mais para manter o sistema econômico, o pensamento utilitarista da época vai sendo transformado em algo mais fútil. Acerca dessa transformação Baudrillard já dizia:

A noção de utilidade é substituída pela produção de valores: A noção de utilidade, de origem racionalista e economista, tem portanto de rever-se segundo uma lógica social muito mais geral em que o desperdício, longe de figurar como resíduo irracional, recebe uma função positiva, substituindo a utilidade racional numa funcionalidade social superior e se revela, no limite, como a função essencial – tornando-se o aumento da despesa, o supérfluo, a inutilidade ritual do “gasto para nada”, o lugar de produção de valores, das diferenças e do sentido – tanto no plano individual como no plano social. (BAUDRILLARD, 1994, p.40)

Durante o período da sociedade industrial Marx já atentava para o fetichismo da mercadoria e maneira como o sistema tirava do trabalhador a sua importância no processo produtivo, dando valor apenas à mercadoria (ao produto a ser vendido, ao bem de consumo):

Uma mercadoria, portanto, é algo misterioso simplesmente porque nela o caráter social do trabalho dos homens aparece a eles como uma característica objetiva estampada no produto deste trabalho; (...) A existência das coisas enquanto mercadorias, e a relação de valor entre os produtos de trabalho que os marca como mercadorias, não têm absolutamente conexão alguma com suas propriedades físicas e com as relações materiais que daí se originam (...). É uma relação social definida entre os homens que assume, a seus olhos, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. A isto dou o nome de fetichismo que adere aos produtos do trabalho, tão logo eles são produzidos como mercadorias, e que é, portanto inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2006 p.94).

É exatamente nesse processo de transformação de seu papel na sociedade que reside o nosso problema, no momento em que o ato de consumir deixa de ser um simples ato de sobrevivência objetiva, de satisfação imediata dos desejos do corpo biológico, para se tornar um ritual social complexo repleto de signos, o consumo passa a ser orientado pela satisfação dos desejos subjetivos e é assim que ele abre espaço para o nascimento do consumismo e sua dominação.

Bauman (2008) define o consumo como o ato ou o efeito de consumir, um elemento de sobrevivência que se situa entre as mais básicas e remotas atividades do ser humano, o autor evidencia também que ao longo da história humana, o consumo teve seu papel alterado, com o advento das revoluções industriais passamos de uma sociedade de produtores na qual o foco era o trabalho para a sobrevivência e o consumo era um coadjuvante, para uma sociedade de consumidores na qual o foco é o consumo, o consumo passa a ser uma atividade social e de lazer e o trabalho um meio para conseguir o dinheiro necessário para consumir, realidade essa que também foi observada por Baudrillard:

Na realidade, é o mesmo sentido da mercadoria. Antigamente

bastava ao capital produzir mercadorias, o consumo sendo mera consequência. Hoje é preciso produzir consumidores, é preciso produzir a própria demanda e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias (BAUDRILLARD, 1994, p. 26).

Conforme a complexidade da economia capitalista e a produtividade foram crescendo, como resultado das revoluções industriais, a necessidade de um modelo de economia baseada no consumo acabou sendo a solução mais factível, pois permitia ao grande capital sustentar a sua dominação e sua lucratividade, porém, para criar e amparar esse modelo seria necessário alterar o papel que o consumo tinha na sociedade pós-revolução industrial. Sobre isso recorro à Baudrillard:

Todas as sociedades desperdiçaram, dilapidaram, gastaram e consumiram sempre além do estriti necessário, pela simples razão de que é no consumo do excedente e do supérfluo que tanto o indivíduo como a sociedade, se sentem não só existir, mas viver. (BAUDRILLARD, 1994, p.40)

Em seus estudos sobre o consumo Baudrillard (1995) fez a seguinte afirmação “O Consumo, na qualidade de novo mito tribal, transformou-se na moral do mundo contemporâneo. Encaminha-se para a destruição das bases do ser humano...(p.28)”.

Segundo Baudrillard (1995), na sociedade de consumo a imagem do indivíduo perante à sociedade está intimamente ligada àquilo que ele possui, a gama de produtos e serviços consumidos por indivíduo são uma forma de definir a classe socioeconômica que pertencem— inclusive este é o método padrão, dentre as principais instituições de pesquisa aplicada, adotado para classificar as classes socioeconômicas.

De fato, nos dias de hoje o consumo é uma atividade mais social do que econômica, resultado de um sistema muito bem arquitetado em que diversos mecanismos de subjetivação alteraram a função do consumo, transformando-o de uma simples atividade econômica necessária para satisfazer os desejos básicos do ser humano em algo

muito mais profundo e complexo. Ainda sobre esse assunto uso das palavras do mesmo autor:

O consumo constitui um mito. Isto é, revela-se como a palavra da sociedade contemporânea sobre si mesma; é a maneira como a nossa sociedade fala. De certa maneira, a única realidade objetiva do consumo é a ideia do consumo, a configuração reflexiva e discursiva, indefinidamente retomada pelo discurso cotidiano e pelo discurso intelectual, que acabou por adquirir a força de sentido comum. (BAUDRILLARD, 1995, p.208)

Sendo assim, a alteração do papel do consumo passa por essa produção de subjetividades que, por sua vez, busca alterar a própria construção dos sujeitos. Tal processo de transformação dos sujeitos e sua subjetividade foi evidenciada inclusive por Guattari:

Os antagonismos de classe herdados do século XIX contribuíram inicialmente para forjar campos homogêneos bipolarizados de subjetividade. Mais tarde, durante a segunda metade do século XX, através da sociedade de consumo, do welfare, da mídia(...), a subjetividade operária linha dura se desfez (GUATTARI, 2001, pg11).

Na verdade, tal configuração foi ao mesmo tempo produzida e reproduzida pelo sistema capitalista de forma gradual e cíclica, foi resultado da sua própria “evolução” histórica, conforme exposto por Baudrillard e Bauman, a sociedade de consumo é resultado das revoluções industriais que alteraram significativamente a estrutura da sociedade de produtores. Nessa nova organização social e econômica as pessoas, uma vez tidas como produtoras de mercadorias, passam a ser as próprias mercadorias.

Segundo, Bauman(2008) em vez de entregar os produtos aos consumidores, o capitalismo tornou-os a voltar sua vida inteira para esses, reestruturando-as e criando novos paradigmas em sua existência focados em consumo. As mercadorias passam a carregar diversas mensagens e significados, o foco não é mais o da satisfação das necessidades mas sim, dos desejos.

Presente em todas as esferas da vida cotidiana, o consumo se

tornou algo tão natural na rotina capitalista que atualmente é inconcebível imaginar uma atividade cotidiana que não esteja permeada pelo consumir (BARBOSA, 2006). A própria complexidade da sociedade pode afetar a capacidade de viver sem consumir, pois dificulta a aquisição de alimentos, roupas, luz e água.

O fato é que o consumo não reside apenas na aquisição de alimentos para saciar a fome ou roupas para cobrir o corpo, o ato de consumir é mais do que isso, ele possui traços ideológicos, sociais e subjetividades que o tornam algo fundamental no funcionamento da sociedade.

Quando um indivíduo vai às compras ele está exercendo um dos “direitos” que o cidadão do capitalismo possui: a “liberdade”, e a possibilidade, de poder comprar qualquer produto – caso você tenha os meios necessários para tanto – esse poder de consumir é um dos sinônimos de liberdade no capitalismo contemporâneo, pois permite que indivíduos das mais diversas classes socioeconômicas se igualem perante aquilo que possuem – é nesse ponto em que a sua posse vira parâmetro da sua existência. Logo, consumir no capitalismo é um signo de liberdade, de poder e de lazer. Mais do que produtos, consome-se imagens, desejos, referências.

Barbosa (2006) diria que é possível viver sem produzir, mas viver sem consumir é impossível, uma vez que o ser humano depende do consumo para garantir sua sobrevivência. Por conta da atual configuração da sociedade de consumo, a complexidade dos processos produtivos, as enormes distâncias entre as fontes de subsistência (alimentos e água por exemplo) e a civilização urbana, os avanços da medicina, o transporte, a moradia, a educação, entre outros inúmeros exemplos de produtos e serviços que atualmente são essenciais para a nossa sobrevivência, nos imaginar sem eles, ou até mesmo, sem poder consumi-los, é uma sentença de morte.

No mundo contemporâneo não são raras às vezes em que se

confunde cidadania com direitos do consumidor. O consumo, corroborado pela complexa teia de mecanismos de subjetivação do sistema capitalista contemporâneo, se confere cada vez mais como um fenômeno social e econômico, capaz de mediar o espaço e o tempo livre, um transformador da paisagem urbana e das subjetividades coletivas. Segundo Marcuse (1987), o consumo se torna um instrumento de dominação que atua sobre as necessidades e prazeres, escravizando o indivíduo no trabalho e no lazer, preenchendo seu tempo livre com atividades dirigidas ao consumo de produtos e serviços.

De fato, um dos maiores símbolos de “liberdade” no mundo capitalista atual é o poder de compra – inclusive servindo como medida comparativa de desenvolvimento econômico entre as nações – uma pessoa em situação de pobreza, abaixo da linha da miséria, não é simplesmente um indivíduo que está passando fome ou sede, é alguém que, por não ter os meios necessários para poder sobreviver, não ter dinheiro ou emprego ou renda, não consegue consumir e, portanto, não poderá sobreviver na sociedade de capitalista pós-moderna.

O consumo se tornou um fenômeno complexo, sua função social e econômica foi moldada ao longo do desenvolvimento do capitalismo industrial moderno até os dias de hoje. Há uma mudança na lógica do “Consumir para viver” para o “Viver para consumir”. Acerca disso cito:

A partir dessa nova perspectiva, é incontestável a centralidade do consumo no processo de reprodução social em qualquer sociedade: cultura e consumo são aspectos fundamentalmente sociais, pois todo ato de consumo é essencialmente cultural. As diversas formas de consumo organizam a vida social por se tratarem de meios de interação entre o indivíduo e a sociedade: o que comer, o que vestir, o que presentear, quais objetos comprar e quais repudiar são comportamentos ditados pelos modos socialmente estruturados de usar os bens para demarcar relações sociais. (GUERRA, 2010, p.15).

Dessa forma, ao se tornar uma atividade cultural o consumo passou a integrar a política, a economia, os hábitos e costumes, inclusive a educação não escapa a essa realidade, pois, conforme

compreendido por Veiga-Neto a cultura é uma instância epistemológica central, central no sentido de que ela atravessa todas essas instâncias sociais.

Assim, assiste-se hoje a uma verdadeira virada cultural, que pode ser resumida como o entendimento de que a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos (HALL, 1997 apud VEIGA-NETO, 2003).

Um bom exemplo disso é o consumo de roupas, não consumimos roupas por conta do frio, nem pela necessidade de cobrir nossos corpos, muito pelo contrário, o corpo é apenas o manequim para essas roupas, somos todos modelos desfilando nas ruas, mostrando a todos quem somos por meio das marcas estampadas em nossas vestes e isso só ocorre por conta de toda a subjetividade implícita sobre essas marcas.

Numa mesma linha de raciocínio, Baudrillard (2004) afirma que a sociedade contemporânea substituiu toda a realidade e seus significados por símbolos e signos, o que tornou a experiência humana em uma simulação da realidade, a verdadeira realidade não nos importa mais. Por conta de uma trama muito bem elaborada, nos tornamos indivíduos alienados que desejam apenas viver essa realidade simulada através do consumo, não de mercadorias, mas desses signos. Logo, enxergamos no consumo a possibilidade de viver as realidades que “sonhamos”, porém, será que esses são de fato os nossos sonhos?

Em que medida nossos desejos são realmente nossos? Difícil de responder com certeza a essa pergunta, uma vez que vivemos em uma sociedade em que vários mecanismos de subjetivação podem nos “bombardear” constante e diariamente com mensagens repletas de significações.

Para discutir essa realidade é preciso, portanto, compreender outro aspecto fundamental do arcabouço teórico, por um lado, conforme

já exposto, os mecanismos de subjetivação podem alterar o papel do consumo na sociedade, mas a produção de subjetividades empenhada pelo sistema capitalista não alterou apenas o consumo, mas também, impactou o processo de construção da subjetividade dos sujeitos.

Com o objetivo de compelir os indivíduos ao consumismo, por meio da influência dessas subjetividades sobre a construção da subjetividade dos sujeitos, os hábitos das pessoas foram alterados, seus desejos sofrem influências externas o tempo todo, a maneira de viver a vida passa a ser ditada pelas regras do capitalismo de consumo. Uma vez alterada nossa subjetividade, passamos a desempenhar dois papéis na sociedade, conforme Veiga-Neto, além de consumidores dessas subjetividades, também passamos a reproduzir essa produção de subjetividades.

Seria preciso lembrar, por exemplo, que estamos assistindo a uma onda mundial de imposição do *American way of life* em nível planetário? E lembrar que, mais do que simples assistentes, estamos sendo levados a participar ativamente ou passivamente dessa onda? (VEIGA-NETO, 2003, p. 6)

Sendo assim, uma vez que o consumo passa a ser cultuado pelos sujeitos, passando assim a afetar a construção da subjetividade desses, ele passa a ser parte da sociedade, que passa a reproduzir essa prática, utiliza de suas instituições para isso.

Diante disso, o consumo surge como uma panaceia para diversos problemas e o dinheiro o meio necessário para consegui-la. Logo, por meio da mídia e sua influência sobre a cultura e a sociedade, a posse de produtos e serviços passa ser estabelecida social e culturalmente como o indicador do grau de felicidade das pessoas, a felicidade passa a ser mensurável e ao alcance de todos, basta trabalhar, conseguir seu dinheiro e comprar. Conforme evidenciado por Baudrillard,

Esta felicidade é àquela que encarna e recolhe nas sociedades modernas; O mito da Igualdade, que oriunda da Revolução Industrial, refere-se a uma felicidade mensurável, ou ainda, o bem-estar mensurável por objetos e sinais de conforto (BAUDRILLARD, 1995, p.49)

Dessa forma, o consumo assume um papel essencial no cotidiano das pessoas, atuando como ferramenta para encobrir os conflitos pessoais e sociais. As desigualdades são “maquiadas” pelo consumo, logo, o consumo se torna um falso parâmetro de igualdade, liberdade e felicidade.

Porém, este cenário do consumo como panaceia só é possível mediante uma produção de subjetividades que lhe confere tamanha “capacidade curativa”. Conforme evidenciado por Marcuse (1987) o sistema capitalista contemporâneo, por conta de sua produção industrial em larga escala, precisa manter os patamares de consumo na mesma escala e crescente, condição necessária para sua perpetuação, assim, ele se vale de mecanismos de subjetivação para alterar a função do consumo na sociedade industrial moderna.

Esse processo culmina numa transformação do papel do consumo, de ação necessária para suprir as necessidades de subsistência em um ato social e cultural repleto de significados. Baudrillard diz que,

O consumo surge como sistema que será a ordenação dos signos e a integração do grupo; constitui simultaneamente uma moral (sistema de valores ideológicos) e um sistema de comunicação ou estrutura de permuta (1995, p.91).

Auxiliado pelos diversos mecanismos de subjetivação capitalistas, o consumismo tornou-se um modo dominante de cultura, presente na sociedade de consumo, porém em sua escalada massificante, a cultura de consumo sendo o principal mediador do espaço e do tempo livre, acaba por solapar as subjetividades das comunidades por onde se instala. Sendo que as formas de recreação, interação social, modos de pensar e agir e até mesmo a subjetividade dos sujeitos são determinadas e mediadas pelo consumo, pode se dizer que tudo na sociedade acaba virando produto, as ideologias, aspirações e até mesmo as pessoas e seus desejos.

Na sociedade de consumo o consumismo se transforma em algo normal, reproduzindo essa lógica. Ao utilizar a escola, um meio capaz

de influir diretamente sobre a construção da subjetividade dos sujeitos, como um instrumento de “domesticação”, a sociedade passa a fortalecer essa lógica, pois ao promover uma educação que a forma indivíduos alienados, com pouca capacidade de refletir ou criticar a realidade em que vivem, ela os torna suscetíveis às mensagens da mídia e ao consumismo.

Esses sujeitos, acabam por não conseguir compreender as subjetividades a que estão expostos, sequer têm plena consciência da sua própria subjetividade pois são resultado de uma lógica acadêmica e social que privilegia o desenvolvimento do racional em detrimento do emocional que ainda é tido como algo animalesco e desnecessário para o capitalismo, uma característica dos não sucedidos.

De acordo com Cruz (2013):

A grande dificuldade da atualidade parece ser lidar com frustrações. Muitas pessoas se acostumaram a descontar as frustrações do dia a dia comprando. Sair de uma loja com várias sacolas pode gerar uma enorme sensação de felicidade, ainda que se compre coisas desnecessárias, que talvez nunca sejam usadas. Mulheres geralmente buscam peças de vestuário, cosméticos e tratamentos de beleza, enquanto os homens preferem produtos eletrônicos e carros (CRUZ, p.3).

Esse cenário atual não é mera coincidência, mas sim, fruto de um desenvolvimento acelerado e baseado no consumo de massa. O sistema capitalista atual depende completamente da reciprocidade entre consumo de massa, crédito e produção em grande escala. Consequentemente, para manter a “máquina rodando” é necessário um constante esforço por parte do sistema e seus mecanismos, entre eles a mídia e a educação, para manter os níveis de consumo sempre altos, com isso, temos políticas de incentivo ao crédito, “afrouxamento” das regulamentações financeiras, campanhas publicitárias agressivas, criação de “feriados”, publicidade voltada ao público infantojuvenil, entre outras formas de influenciar o público em geral a consumir.

Esse esforço constante é tão presente e tão forte que essas influências acabam se tornando parte da sociedade contemporânea,

criando modismos, tendências, símbolos, o consumo passa a ser um ato social, cultural, recreativo, o que resulta numa cultura do consumo, o que Baudrillard define como sociedade de consumo e um dos pilares dessa cultura do consumo está na própria subjetividade dos sujeitos.

Consumir passa a ser algo além da simples sobrevivência, passa a ser uma forma de expressão, os produtos e serviços não são mais escolhidos, pelos consumidores, por suas funções, mas sim, por sua imagem na sociedade, os símbolos que são criados em cima das marcas (“grifes”) representam conceitos e os consumidores passam a consumir esses conceitos.

Por fim, esse cenário criado pelo capitalismo, resulta no que vemos hoje, jovens consumistas, adultos que descontam suas frustrações no consumo, aposentados tão endividados que precisam continuar trabalhando, uma população com um elevado índice de endividamento, pessoas que vivem em um círculo vicioso de consumo, endividamento, trabalho e que não tem a menor ideia de como sair dessa situação. Essa deterioração é apontada inclusive por Guattari:

(...)os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão... (GUATTARI, 2001), p. 7).

Porém, para o capitalismo contemporâneo o consumismo e o endividamento não são encarados como problemas, mas como consequências necessárias. Ele usa da sua trama de mecanismos que interagem entre si para naturalizar esses “problemas”, essenciais para sua perpetuação. Passa a disseminar mensagens de que consumista é aquele sujeito compulsivo, doente, que carece de tratamento psicológico. Ou seja, só alguns casos extremos são de fato consumistas, o restante é normal, seguir a moda e trocar todas as suas roupas porque a estação mudou é uma necessidade lógica e racional.

Além disso, o sistema produz o senso comum de que contrair dívidas é normal contanto que elas caibam no seu orçamento, se seu orçamento não dá conta das dívidas e você está no “vermelho” o problema não são os juros, ou sistema capitalista, ou consumismo, é a sua capacidade de planejamento financeiro, você precisa estudar e dominar as técnicas financeiras, acertar as contas e voltar a consumir.

Marx e Marcuse argumentam que uma vez que a lógica capitalista busca sempre a acumulação de riquezas, isso implica numa lógica insustentável a longo prazo, pois o constante crescimento da produção, produtividade e lucratividade – condições necessárias para a eterna acumulação de riquezas –, exige, também, um constante crescimento do consumo dessa produção.

Contudo, esse processo é inquestionavelmente inviável, porquanto a constante exploração da mão de obra (mais-valia) buscando o aumento da produtividade e, conseqüentemente, da lucratividade, resulta numa inegável redução do papel dos trabalhadores na economia, já que a cada incremento de produtividade, são empregados menos indivíduos na produção da mesma quantidade de produtos. Além disso, para garantir a lucratividade dos capitalistas, os salários desses trabalhadores jamais acompanham, proporcionalmente, o crescimento dessa produtividade (Marx, 2006).

Como consequência de tudo isso, não é preciso entender muito de economia para perceber que esse processo é inviável a longo prazo, pois, quem consome a produção são os próprios trabalhadores, e se a eles é destinada uma fatia cada vez menor das riquezas acumuladas, como sustentarão os níveis de consumo necessários para a perpetuação dessa sistemática? Aliás, na modernidade o consumo não passava de um ato simples de satisfação das necessidades básicas de sobrevivência, ou seja, o nível de consumo apresentava um limite que precisava ser superado para que o sistema pudesse continuar a existir.

Assim, o sistema precisou elaborar uma maneira de naturalizar

esse processo de acumulação, transformar o consumo em algo mais repleto de significados, menos objetivo e mais subjetivo, de forma a incentivar o seu constante crescimento. Para alcançar esse objetivo, o sistema lançou mão de vários mecanismos de produção de subjetividade mirando influenciar os indivíduos, essa produção de subjetividade buscou estabelecer certos parâmetros e concepções necessárias para que essa lógica funcionasse. Produziu e “vendeu” o consumismo e, em pequenas parcelas que cabem no bolso, comprou-se essa ideia.

CAPÍTULO 3 – JUVENTUDE E EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA

O cerne da problemática dessa dissertação trata da produção de subjetividades dos jovens diante do sistema capitalista pós moderno, porém, é preciso haver uma conceituação do que é ser jovem, do que é a juventude. Uma vez que este é um tema controverso, pois contrapõe pontos de vista legais e teóricos que divergem entre si, conforme Souza (2012), a juventude consiste em uma categoria social heterogênea, construída de acordo com épocas e sociedades distintas, marcada historicamente por contradições, seja na forma como a sociedade a concebe, seja como os próprios jovens se percebem enquanto sujeitos.

Em meio a todas as pressões e produções de subjetividades já citadas se encontram os jovens, que segundo Quiroga (apud. Souza, 2012) caracterizam-se por estarem em meio a uma complexa condição social, ora sendo influenciados ora influenciando. Segundo a UNESCO (apud Souza, 2012) a juventude é um período não fundamentalmente demarcado pela idade, mas que leva em conta outros fatores como: intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros condicionantes.

Ainda sobre a situação da juventude, recorro à Souza (2012),

Com o advento do capitalismo liberal no século XX, acirra-se o processo de formação de riqueza e a consequente disseminação da miséria. Assim como toda a população, a juventude sofreu com a acumulação de capital em detrimento dos investimentos sociais (p.354).

Ao contrário do conceito de Adolescência que tem sua definição estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8069/90) – como o período que vai dos 12 anos aos 18 anos incompletos, a juventude não é um conceito teórico definido e simples que possa ser delimitado pela faixa etária.

O conceito de juventude é formado por diversos outros conceitos

e leva em consideração fatores relacionados a intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros determinantes (UNESCO, 2004, apud ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Por conta disso, a definição de juventude varia bastante entre os países, mas convencionou-se a delimitação de uma faixa etária que também vai variar, porém, o limite inferior dessa faixa etária, pelo menos entre os países ocidentais, fica em torno dos 15 anos.

Diante disso, na América Latina a Assembleia Geral das Nações Unidas definiu que a faixa etária da juventude compreende a idade entre 15 e 24 anos (UNESCO, 2004, apud ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007), definição essa que foi adotada no Brasil até 2005, após esse período o país adotou a delimitação de 15 a 29 anos, dividida nos seguintes subgrupos: 15 a 17 anos – jovem-adolescente; 18 a 24 anos – jovem-jovem; 24 a 29 anos – jovem adulto.

De acordo com Aquino (2009), a dilatação para 29 anos não é uma peculiaridade brasileira, e está ocorrendo na maioria dos países que pretendem implementar políticas para a juventude. Tal variação é justificada por dois fatores: maior dificuldade de essa população construir sua autonomia – devido às aceleradas mudanças no mundo do trabalho – e aumento da expectativa de vida da população em geral.

No entanto, a delimitação da faixa etária apenas não é suficiente para a definição da juventude, nem mesmo serve como um parâmetro imutável, uma vez que essa definição varia de acordo com a sociedade, o momento histórico e econômico. Toda essa indefinição produz diversos agravantes, como a dificuldade de formação da identidade do jovem, dificuldades na inserção no mercado, na conquista de sua autonomia, até mesmo, o processo de construção de suas subjetividades sofrem com essa indefinição.

Frente a essa realidade, pode-se argumentar que o sistema capitalista se aproveita disso, de acordo com Souza (2005), isso provoca um percalço à formação de sua identidade, resultado das pressões impostas pela sociedade de consumo com suas mensagens mercadológicas que lhes apresentam diversos estilos de vida possíveis. Ante as pressões da vida diária, os apelos publicitários do mercado, da moda e da mídia, aliados aos reflexos das suas emoções ainda em construção, os jovens acabam por ser induzidos em suas decisões, não apenas as de consumo, mas diversas outras relacionadas às suas vidas: trabalho, estudos e até mesmo seus sonhos e anseios profissionais e pessoais.

Como visto por Nascimento (2003) os jovens são escolhidos como alvos das campanhas, e estruturas, capitalistas por serem possíveis consumidores de valor. Essa escolha é contraditória, visto a exclusão que eles sofrem da potencial inclusão social pelos processos de globalização, enfaticamente aqueles voltados à economia. Essa exclusão entra em conflito com o consenso de juventude (a ideia de fase transformadora, marcada por antagonismos pessoais e a necessidade/vontade de inserção social).

Acerca desse fato, Esteves e Abramovay (2007) sugerem que:

Sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória – cujo principal traço é suscitar nas juventudes, mas não apenas entre elas, aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações, porque irrealizáveis para a grande maioria –, transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e acirramento das diferenças constituem algumas de suas faces mais visíveis (p. 27).

Discute-se também que a função do jovem é traçada através de expectativas socialmente construídas que exigem determinadas habilidades e compreensões, tais como uma participação social e política ativa, a capacidade de agir racionalmente e regular seus impulsos emocionais, cumprir com seus deveres e exigir seus direitos.

Porém, conforme Guattari explicita, os jovens podem ser também agentes produtores de singularização das subjetividades:

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação a subjetividade normalizada. A esse respeito, o caráter transnacional da cultura rock é absolutamente significativo: ela desempenha o papel de uma espécie de culto iniciático que confere uma pseudo-identidade cultural a massas consideráveis de jovens, permitindo-lhes constituir um mínimo de Territórios existenciais. (GUATTARI, 2001, p.13)

O jovem é, portanto, em sua essência, um agente transformador que se utiliza de diversas fontes para expandir e sedimentar seus conhecimentos, interagir e alterar seu meio e, através de atitudes conscientes, diariamente questiona a realidade que o envolve.

É importante mencionar e relevar que a capacidade de escolhas críticas e discernidas quanto à política tem sua raiz em uma interpretação do seu meio, uma reflexão focada em entender e adaptar os estímulos externos a seus pensamentos, seja de forma congruente ou divergente, e exercer pensamentos críticos sobre essa situação. Durante essas meditações que encontramos uma das maiores virtudes da educação.

Além destas discussões, outros pontos de partida para o debate acerca da juventude são apresentados por Abramo (apud. Souza, 2012):

- a) o foco nas possibilidades e condições de participação dos jovens na sociedade, a partir dos seus valores, opiniões e atuação social, tanto implicados na mudança do destino da nação, como nas questões particulares que os afetam;
- b) a juventude como um fator demográfico, em que se consideram os fatores de inclusão e exclusão nas diversas formas de participação na sociedade;
- c) a concepção do jovem como um sujeito de direitos, em que se procura analisar, a partir das peculiaridades da condição juvenil, os direitos emergentes, que devem ser garantidos pelo Estado e pela sociedade. (Souza, 2012, p.355)

Outro ponto a ser ressaltado (acerca da temática da juventude) é que, segundo uma diretriz mais subjetiva, todo jovem passa por um processo educativo seja na escola básica ou profissionalizante. É necessário salientar conforme Leão:

(...)a experiência escolar juvenil é vivida como a construção da carreira em face de uma série de provas e de direções que cada etapa da vida escolar põe à disposição dos alunos, não estando predeterminada pelo destino de classe definido pela situação social de cada família. (2007, p.35).

Segundo Dubet (apud, Leão 2007), o ambiente educacional se caracteriza por ser um local de socialização e subjetivação, fomentando uma ideologia subjetiva e pessoal de autoria de seus estudos, paixões e interesses, um nexos para esses três elementos que, por sua vez, fortalecem o interesse do aluno pelos estudos. Alunos podem se encaixar nessa formação paralela de forma individual e voluntária, porém existem os casos em que os próprios mecanismos escolares ditam um rumo similar aos seus participantes e imprimem em seus conscientes uma noção de invalidez, ou incapacidade, tornando-se um exemplo em que a sociedade não forma indivíduos, mas os destrói.

As características dos jovens e a dificuldade em sua inclusão tornam-se, porém, problemáticas quando combinadas devido ao aumento de estímulos que o jovem recebe: aumenta a sua vontade de criticar, porém não dispõe de conhecimentos necessários e acaba discutindo a necessidade de certos costumes, aprendizagens e valores sem fundamentação.

Segundo Souza (2012), uma das diretrizes principais que impulsionam os jovens a participar do mercado de trabalho através da obtenção de um certificado do ensino e aprendizado de uma profissão, por mais precária e de curta duração que seja essa colocação própria, é a ideia de sua emancipação e a esperança de inserção no mercado formal. Esses jovens têm, porém, uma noção cristalina de pertencimento comunitário e disponibilidade para ações coletivas e participativas.

E em meio a todo esse conflito que se passa a juventude há um debate necessário de ser feito que é sobre o papel da educação frente a essa realidade. O processo de emancipação do jovem é resultado de um aprendizado constante que, ao contrário do pensamento mais tradicional e simplista, não se encerra com fase escolar, mas que, com certeza, nasce e passa por ela e continua por toda a vida do sujeito.

Ao longo dessa pesquisa, foi abordado como o sujeito se constrói ao longo de suas experiências e vivências, como sua subjetividade é construída e reconstruída, incessantemente a medida que este é exposto às diversas outras subjetividades.

Vimos como diante disso o sistema capitalista atua fabricando subjetividades homogeneizantes e alienantes com vias a induzir ao consumismo, construindo assim o cenário que vivemos e foi evidenciado por diversos autores: a sociedade de consumo, na qual este passa a desenvolver o papel principal, em vez do trabalho ou do próprio sujeito.

Frente a essa realidade nefasta temos os jovens, que apesar das diversas possíveis definições, é unânime a concepção de que eles passam por um processo conturbado e difícil de construção de si mesmos, a juventude é defendida por autores e instituições como uma fase complexa e sensível na formação do sujeito, motivo pelo qual podemos definir os jovens como um dos grupos mais vulneráveis a toda essa exposição de subjetividades da sociedade de consumo.

Temos em meio a esse conflito a educação, não apenas a escolar ou familiar, mas toda a educação, o processo educativo permanente que passa por diversos atores, agentes, instituições, vetores e participantes. Nas palavras de Lima (2012) “a palavra educação enquanto signo, não apresenta ou carrega em si nenhuma essência, mas um fluxo de sentidos e significados”.

Segundo Gadotti,

A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade. (2012, p.1).

Tratar de educação envolve discutir sua relação com a sociedade, com o Estado, o sistema capitalista, sua construção histórica, assim como sua influência sobre as produções de subjetividades; e sobre esses assuntos não faltam autores para referenciar.

A palavra Educação sem dúvida apresenta diversos entendimentos, que podem muitas vezes estar em conflito, quanto o que é, representa ou seu papel na sociedade. Podemos compreendê-la como um instrumento ou um processo pelo qual a humanidade busca a sua perpetuação ao transmitir os conhecimentos de gerações passadas a futuras, assim como promover a criação de novos conhecimentos.

Assim como, que ela representa um papel importante na construção e evolução de nossa sociedade e na socialização dos indivíduos. Ou ainda, que ela é mais um dos vários mecanismos de subjetivação capazes de afetar os seres e que, por conta disso, pode atuar junto ao poder hegemônico massificando os saberes e disciplinando os sujeitos ou pode combater essa lógica promovendo o pensamento crítico e a emancipação dos indivíduos.

Por conta dessa complexidade e de seu papel essencial na sociedade, independentemente de qualquer ponto de vista, muitas concepções e práticas da educação são possíveis. Independentemente da definição escolhida, a Educação é um tema aberto e complexo, capaz de assumir diversos papéis, seja qual for, o fato é que a educação permanente é, com certeza, algo presente na vida de todos, seja na escola com os professores e amigos, em casa com seus familiares ou diante da televisão, da internet e até mesmo nas ruas,

uma experiência educativa pode se dar a qualquer momento e em qualquer lugar.

Grosso (2013) ao elaborar sua discussão acerca da educação sociocomunitária, tendo em vista os conceitos de lógicas sociais nos sistemas educacionais, apresenta três configurações: a lógica sistêmica do poder, a lógica sistêmica do capital e, por fim, a lógica sociocomunitária.

Segundo o autor, na lógica sistêmica do poder e do capital, predominante entre os modelos educativos atuais, ainda se baseando nos preceitos positivistas, buscam apenas “treinar” seus alunos, futuros cidadãos, produzir sujeitos obedientes, disciplinados, os trabalhadores consumistas de amanhã, sem a menor capacidade crítica e/ou reflexiva, eternamente frustrados e alienados, que buscam no consumo a sua felicidade, o sucesso, a realização pessoal.

Para Foucault (2002), a escola é uma "instituição de sequestro", um local que retira os indivíduos do espaço social e os delimita em um espaço durante um grande período, para moldar suas condutas e disciplinar seus comportamentos.

Foucault (2002) destaca também a maneira como as escolas são apresentadas à sociedade, geralmente como instituições rígidas, com métodos tradicionais e condicionadores que não dialogam com o objetivo do saber. Tal fato pode ser comprovado apenas pela análise dos próprios prédios escolares, cheios de grades, regras e normas. Portanto, esse modelo de educação atual, “vazio”, objetivo e omisso diante de diversas temáticas, entre elas a subjetividade e as finanças pessoais, não é mera coincidência ou fruto da incompetência dos agentes educacionais.

Conforme evidenciado por Marcuse (1987), esse panorama é a maneira que o capitalismo encontrou para adequar o homem à sua lógica, para conseguir manter sua dominação e perpetuação. O

capitalismo se vale de seus mecanismos, entre eles a escola, para produzir indivíduos alienados e infelizes. Essa infelicidade do homem é necessária ao capitalismo contemporâneo, pois este a utiliza como um instrumento para a sua existência.

Acerca desse mesmo ponto Lima (2012) critica:

Sendo assim, segue a constatação de que a Educação trabalha, ainda, com um paradigma e lógica de pensamento desgastado, retrógrado, ineficiente e abusivo, sobretudo, por produzir exclusões de vários tipos, ao preconizar um sujeito “abstrato e universal”, o “educando normal” e, portanto, generalizável aos cenários educacionais, no âmbito das expectativas identitárias, norteadoras das intencionalidades educativas. (2012, p.4)

Por outro lado, pouco esforço há em busca de um desenvolvimento do emocional, do pensamento crítico, da reflexão, da arte, a não ser para motivos específicos: a arte para o design, o emocional para mídia, o pensamento crítico e a reflexão em busca de um aprimoramento tecnológico, produtivo ou gerencial, enfim, tudo em prol da mais valia.

Continuar a negar essa realidade na educação é ceder as pressões do mercado e às suas subjetividades fabricadas, ao contrário, é preciso pensar em uma educação transformadora, diante disso Gallo (apud Lima, 2012) propõe pensar a educação menos como ciência, mas, como “um espaço de intersecção de saberes múltiplos”, de inspiração rizomática.

Ou seja, uma educação crítica que se rebele contra lógica da árvore do conhecimento crescendo verticalmente e seguindo suas raízes e ramificações, a separação dos campos de conhecimento evita que haja uma comunicação entre os saberes, prevenindo assim, uma reflexão mais profunda sobre a realidade.

Assim como a educação é utilizada como instrumento de produção de subjetividades massificadas pelo capital, ela pode ser um ambiente de transformações em meio a esse conflito, um espaço que promova o

pensamento crítico e emancipador.

E em vistas da experiência vivida por este pesquisador ao longo de sua trajetória acadêmica desde a infância até os dias de hoje como um estudante salesiano, é inevitável não pensar em uma perspectiva sociocomunitária que, conforme Gomes:

“A Educação sociocomunitária é, assim, numa primeira visão, o estudo de uma tática pela qual a comunidade intencionalmente busca mudar algo na sociedade por meio de processos educativos”.(2009, p.5).

Grosso ao tratar da educação sociocomunitária defende que, independentemente do ambiente em que seja realizada, esse tipo de intervenção educativa se preocupa com o cultivo de princípios sociocomunitários tais como a liberdade, a autonomia, a criação, a identidade e a sobrevivência. Para o autor, trata-se de uma prática educativa com claras intenções de impacto social.

Gomes também vai discutir o caráter interventivo dessa educação, segundo ele,

Intervenção é, de algum modo, uma ruptura. Uma intervenção educativa é uma ruptura com um modo de ser da sociedade, mas também pode ser uma ruptura como o modo de educar da sociedade. Em algum sentido, a intervenção é negativa, deve, ao menos, negar o estado das coisas tal como estão. Parece-me que nem toda Educação sociocomunitária é um processo que se caracteriza por intervenção, nesse sentido restrito. Porém, em toda proposta educativa há um momento criador, há o momento de se discutir e fazer, ou refazer, a proposta e esse é, ao menos em sentido lato, o momento da intervenção (GOMES, 2009, p.4).

Ainda sobre a perspectiva sociocomunitária,

Em nosso caso, a proposta da investigação em Educação sociocomunitária surgiu do estudo da identidade histórica de uma prática educativa, a educação salesiana. Em suas origens históricas, ela se fundava na articulação de uma comunidade civil - de religiosos e cidadãos comuns - em torno de um projeto educacional, que participou e promoveu transformações sociais em seu tempo e lugar histórico (GOMES, 2009, p.4).

Por outro lado, comunidade é um termo que deve ser cautelosamente reconsiderado para diversas utilizações comuns, tais como termos que designam coletivos localizados (grupos ou movimentos) uma vez que é fundado por uma noção de bondade ideológica similar aos termos "família" quando propagado em discursos sociais, ou éticos. A cerca da seleção do termo comunidade Gomes menciona,

Para dizer de forma sucinta, a comunidade, como local e prática do cotidiano, é também o local onde se reiteram as tradições, onde se fixam os preconceitos, onde se praticam de forma transparente as exclusões menos perceptíveis, sob a égide serena dos hábitos e costumes. Pode ainda ser o refúgio e o lugar da resistência a mudanças, a ruptura possível e concreta em relação à sociedade, a comunidade alternativa, que se propõe sempre como melhor do que está aí, numa sentença que tanto pode inspirar um projeto utópico como um profundo sentimento sectário e isolacionista, a construção concreta do projeto do medo, como ensina Bauman (GOMES, 2009, p.4).

Ainda segundo Gomes, é preciso salientar que essa vertente educacional não é, porém, uma ocorrência única, havendo outros processos similares. O que chama atenção sobre esse conceito é o fato de essa filosofia estar enraizada na identidade institucional e em sua metodologia de ensino, chama a atenção para um processo educacional marcado por intervenções educativas que facilitam um processo de transformações sociais, tendo esse padrão em mente que a linha de investigação Educação sociocomunitária foi gerada.

Por fim, como foi exposto ao longo de todo o arcabouço teórico dessa pesquisa, busca-se por meio desta compreender e discutir os processos de formação da subjetividade dos jovens dessa pesquisa tendo como foco a educação e, assim, promover um aprofundamento do debate acerca da educação financeira com um viés sociocomunitário suscitando contribuições capazes de promover a emancipação desses sujeitos.

Segundo Groppo (2000), podemos definir a juventude como uma categoria social, porém, por diversos motivos não se trata de um grupo

coeso, ela acaba sendo uma representação simbólica criada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, dessa forma, os jovens, amplamente pressionados pela sociedade atual, encontram-se com o dilema de serem forçados a participar e conviver em grupos, devido a seus desejos em comum e por pactuarem de signos similares, assim como refletirem os mesmos significados.

A lógica sistêmica do capital e do poder, permeia inclusive os processos educacionais modernos e contemporâneos, formais e não formais, com mecanismos de neutralização, ou seja, processos de alienação, fetichismo e mercantilização do ser humano, conversão dos valores para os valores capitalistas (Groppo, 2013). Assim, se valendo de diversos mecanismos de subjetivação, o sistema capitalista promove uma espécie de código de uniforme: marcas e estilos de roupas, assim como de aparelhos eletrônicos, até posturas e atitudes tornam-se um registro, e obrigação, de sua permanência a eles. Consequentemente, os jovens que não tiverem certo grau de discernimento – ponto sobre o qual as intervenções educativas sociocomunitárias agem – diante dessa realidade acabam por seguir indiscriminadamente as regras dos grupos, o que pode levá-los a situações financeiras adversas prejudicando a si e a suas famílias economicamente.

Vale ressaltar que nunca houve na história da humanidade, uma fase em que houvesse tantas pessoas depressivas, segundo a OMS (2002) existem hoje cerca de 350 milhões de pessoas com depressão no mundo. A Organização Mundial da Saúde aposta que em 2030 a depressão já será a doença mais comum do mundo, à frente de problemas cardíacos e câncer.

Desta forma, um jovem prestes a entrar no mercado de trabalho que se endivida precocemente, sem a devida orientação, e diante desse cenário aliado à falta de uma educação financeira construtiva e crítica, ele não terá o conhecimento e os instrumentos necessários para auxiliá-lo na percepção de sua condição e, logo, dificilmente conseguirá

sair dessa condição de instabilidade financeira, prejudicando permanentemente sua vida profissional e pessoal.

Nas palavras de Groppo (2013, p.152), “cultivar o princípio sociocomunitário se torna, em tempos atuais, notadamente a resistência e a ocupação de espaços hegemônicos pela integração sistêmica.”

CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa foi escolhida como abordagem metodológica devido a sua capacidade inerente de adentrar a dimensão da linguagem enquanto possibilita também uma coleta e compreensão dos dados mais adequada aos objetivos dessa pesquisa.

No campo de estudo das ciências humanas e sociais os métodos adotados pelas ciências exatas e naturais por muito tempo prevaleceram, o pensamento positivista ainda figura como um método muito adotado nas pesquisas, porém, essa metodologia que visa a estabilização e normatização dos dados e se vale de critérios estatísticos para analisar as informações, passou a ser rebatida por outra vertente, que se empenha em observar a complexidade de fenômenos singulares, a originalidade criativa das relações humanas, essa abordagem que valoriza aspectos qualitativos dos fenômenos em vez de quantitativos e evidenciam significações é chamada de pesquisa qualitativa.

Por se tratar de uma pesquisa que visa conhecer, descrever e interpretar as vivências de um grupo de jovens tendo como recorte as produções de subjetividades e a sociedade de consumo, este estudo apresenta características de uma pesquisa qualitativa descritiva (Chizzotti, 1995).

Ainda segundo Chizzotti, ao contrário do modelo científico positivista, que visa a interpretação de dados objetivos e homogêneos, a pesquisa qualitativa parte da noção de que há uma relação dinâmica entre o ser humano e a sociedade, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, uma conexão inseparável entre a realidade objetiva e a subjetividade do indivíduo. Para essa linha metodológica o conhecimento não pode ser reduzido a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa. Sujeito e objeto não são neutros e imparciais, pelo contrário, fazem parte do processo de conhecimento e é justamente como o sujeito-observador interpreta e atribui

significações aos fenômenos que vivência que vai configurar-se objeto da pesquisa qualitativa.

Ao procurar compreender a influência do sistema capitalista contemporâneo sobre o processo de construção da subjetividade dos jovens, é fundamental a adoção de uma postura que vise analisar as impressões, significações, vivências e agenciamentos dos sujeitos dessa pesquisa.

Segundo Chizzotti,

Os pesquisadores que adotaram essa orientação se subtraíram à verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais... (1995, p. 78).

Portanto, a opção pelo enfoque de pesquisa qualitativa se deu para atender aos objetivos a que este estudo se propõe, ao mesmo tempo, que pelo fato de ser compatível com a sua proposta o ponto de vista deste autor. A pesquisa qualitativa permite uma apreciação mais adequada das impressões, das subjetividades, enfim, permite uma coleta de dados mais condizente com o que se busca nesse estudo, sem a adoção desse método não seria possível coletar impressões, significados, vivências e sentimentos.

Assim como a escolha da abordagem descritiva vem de sua capacidade detalhada, objetiva e sistemática de fenômenos de interesse, Gaskell (2002), explica que o objetivo da pesquisa qualitativa descritiva é uma compilação de comportamentos dos sujeitos em contextos sociais específicos, assim como crenças, valores, atitudes e motivações, com o objetivo de compreender os fenômenos a serem analisados.

De acordo com Chizzotti (1995), para àqueles que seguem a linha teórica qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos dela, elas elaboram conhecimentos e

produzem práticas para intervir nos problemas que identificam. Pode-se presumir, então, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.

Porém, ainda segundo o autor, isso não significa que a vivência diária, a experiência cotidiana e os conhecimentos práticos reflitam um conhecimento crítico que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade, e é exatamente nesse ponto que a educação e a pesquisa podem contribuir.

Feitas as devidas observações sobre o procedimento metodológico dessa pesquisa qualitativa descritiva, é preciso apresentar os métodos pelos quais essa pesquisa buscou construir seus dados. Por se tratar de uma pesquisa na qual se investiga um fenômeno social em que os sujeitos são pessoas, os dados não poderiam ser coletados como amostras em um laboratório. Muito pelo contrário, deve-se ir a campo, ao local de vivência desses sujeitos e por meio de uma pesquisa participante ouvir a voz desses sujeitos.

Trata-se de uma pesquisa que busca a compreensão das subjetividades desses sujeitos e de uma pesquisa em educação, que segundo Gatti e André (2010) representa um trabalho com seres humanos em seu próprio processo de vida, logo, envolve uma interação complexa e em constante mudança de fatores que vão desde o corpo até as ideologias.

Tendo isso em vista, o próximo tópico irá abordar os métodos de construção dos dados utilizados, a roda de conversa e a observação participante.

4.1 – RODA DE CONVERSA E OBSERVAÇÃO DIRETA OU PARTICIPANTE

Assim como descrito por Gatti (2005), o projeto de pesquisa não pode interferir num livre fluxo de discussões e argumentação, devendo então não só fortalecer essas noções, mas também incentivar um grau de confiança entre todos os participantes, por mais difícil que seja estabelecer tais funções devido à natureza da pesquisa, as produções resultantes desse processo tornam-se indispensáveis e valiosas.

A escolha da roda de conversa como um procedimento de construção de dados, dentre outros motivos, se deve à sua compatibilidade com os objetivos propostos por esta pesquisa de mestrado e a crença de que esta metodologia permite uma construção dos dados mais adequada, captando assim expressões verbais e não-verbais mais espontâneas, o que talvez não seria possível mediante a utilização de outros instrumentos de coleta de dados mais usuais em pesquisas qualitativas, tais como a entrevista ou os questionários.

Dentre as várias alternativas de procedimento de coleta de dados em pesquisas qualitativas, as rodas de conversa permitiram a construção de um ambiente para os jovens e o pesquisador de diálogo, interação, argumentação e exposição de pontos de vista, ampliando suas percepções sobre os temas discutidos, sobre si, sobre os outros e sobre a realidade em que estão inseridos.

Trata-se de uma atividade na qual os participantes são dispostos em um semicírculo ou um círculo permitindo visualizar todos, a fim de identificar e reunir expressões verbais e não-verbais espontâneas ao mesmo tempo em que permite aos participantes um momento de reflexão sobre os temas em pauta. A roda de conversa se assemelha a uma espécie de entrevista de grupo porém, não se trata de um processo sequencial e diretivo de perguntas e respostas, um tema central é colocado em pauta e por meio de perguntas disparadoras ele é discutido livre e espontaneamente.

Por se tratar de um método pelo qual os participantes interagem a roda de conversa compartilha das características do grupo focal que conforme definido por Gaskell:

[...] se trata de “um debate aberto e acessível a todos [cujos] assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional. (2002, p. 79).

O autor deixa bem claro que esse procedimento metodológico preza pela igualdade entre os participantes, suas diferenças não são prioritárias, o que importa é o debate, as opiniões, as expressões, seja um jovem ou uma jovem, tenha estudado na escola pública ou privada, isso não importa, o que importa é que o tema em pauta incomoda a todos os participantes e que suas conversas sejam pautadas nisso. Sobre essa qualidade da roda de conversa e do grupo focal recorro a Gatti:

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite ideias partilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.(2005, p.11).

Após a aplicação desse procedimento metodológico e a estruturação da pesquisa, percebeu-se o seu potencial para inserção em trabalhos nas salas de aula, incentivando resultados na manutenção, formação e aumentando a qualidade das relações formadas durante o ensino e aprendizagem e entre aluno e professor. Ainda segundo Gatti:

Com esses procedimentos, é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o

que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas. (2005, p.13).

Tendo em vista que segundo Ladrière (1991), superar as dificuldades impostas pela cientificidade ao longo de sua história e construir uma ponte entre o 'esquema da explicação', que se utiliza da linguagem do sistema e o 'esquema da compreensão' que se utiliza da 'linguagem do sentido', as rodas de conversa apresentaram uma alternativa contextualizada nas afirmativas dos participantes, considerando sua capacidade de transcender preconceitos e generalizações apresentadas por outros métodos, assim como suas características pessoais incentivando a livre discussão e espontaneidade dos participantes possibilitando a observação de suas opiniões e o efeito de opiniões alheias no candidato.

Segundo Mélo et al. (2007) a roda de conversa é uma metodologia participativa que manifesta a necessidade de priorizar a compreensão das significações e mensagens contidas nas opiniões dos participantes: toda opinião é relevante, todos argumentos e expressões são interpretações pessoais, afetadas pela individualidade e subjetividade de cada participante, e não necessariamente tornam-se unânimes, mas podem abrir caminho a diversas discussões paralelas e similares, gerando diferentes resultados e novas perguntas, personalizando cada roda de conversa.

Tais definições descrevem a capacidade de discussões simultâneas e paralelas das rodas de conversa, porém também compreendem a sua capacidade de unificar todas essas variáveis e trabalhar em uníssono construindo um ambiente coletivo e produtivo.

Afonso e Abade (2008) explicam que as rodas de conversa são uma forma de metodologia participativa pois se embasam nos princípios de autores da psicologia social, da psicanálise e da educação que se alicerçam nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo como intuito

a construção de um ambiente no qual os participantes possam refletir acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho.

Segundo Sampaio et al. (2014) a roda de conversa se apresenta como uma metodologia emancipadora pois propicia a quebra de paradigmas socialmente instituídos, como a hierarquia entre alunos e professor e que rompe com a disposição linear dos alunos e do professor palestrante. É uma experiência que busca a liberdade e a autonomia dos participantes, o professor atua como um mediador das conversas, pautando temas e questões centrais para serem debatidas pelos alunos livremente.

Conforme defendido por esses autores a roda de conversa é uma metodologia de construção de dados que se diferencia de outras atividades em grupo tais como a terapia de grupo, pois, para o seu desenrolar, os participantes têm liberdade para se expressar no grupo sem a obrigação de ter de falar sobre aquilo que não querem.

Definido o método predominante de produção/coleta de dados que é a roda de conversa, é preciso também conceituar o procedimento auxiliar de coleta de dados que foi utilizado durante a realização das rodas de conversa para coletar informações produzidas durante as conversas: a observação direta.

Como foi exposto a roda de conversa é uma dinâmica na qual os sujeitos participam, conversam, debatem, enfim, se expressam das mais variadas formas, em meio a isso, diversos dados são produzidos. O pesquisador que atua nessas rodas como mediador pode, com a ajuda de um assistente e/ou um gravador, facilmente coletar as expressões verbais durante as conversas.

Porém, os sentimentos e opiniões das pessoas não podem ser resumidos apenas as frases que esses proferem, por meio de uma observação atenta o pesquisador pode aferir muitas outras

informações, a linguagem não verbal ou corporal é repleta de significações e mensagens (Gil, 2008). O corpo também fala, a maneira como esses sujeitos se expressam fisicamente quando falam, em seus gestos e comportamentos durante as falas dos outros, as “caras e caretas” que fazem, o silêncio e a fúria do debate e da controvérsia, tudo isso representa uma preciosa fonte de informações que pode complementar a análise do estudo.

E é por meio da observação e anotação detalhada do ocorrido durante as rodas de conversa que esses dados podem ser obtidos, segundo Chizzotti (1995, p.90) “a observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista.”.

A observação participante ou ativa, nas palavras de Gil (2008, p103) “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo”. Dessa forma, Gil define essa técnica como um meio pelo qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir dele mesmo.

Segundo Gil (2008) essa técnica pode assumir duas formas distintas: Natural – que foi a adotada nessa pesquisa – ou Artificial:

“(a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação”.(2008, p.103).

Enquanto na observação natural o pesquisador compartilha com os sujeitos da pesquisa dos problemas da pesquisa e participa junto deles da produção de conhecimento, a artificial corre o risco de ser uma incursão disfarçada do pesquisador no grupo em questão, podendo até ser prejudicial.

Ainda segundo o autor, as principais vantagens desse método são a facilidade do pesquisador em ter acesso a dados sobre como os sujeitos da pesquisa se deparam com seu cotidiano, dados esses que poderiam ser exclusivos deles, e, mais importante ainda, possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento desses sujeitos.

Definidos os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, é necessário, agora, apresentar os sujeitos dessa pesquisa, o local onde a mesma foi realizada e, evidentemente, os procedimentos adotados na realização da pesquisa de campo.

4.2 – SUJEITOS DA PESQUISA, CAMPO DE PESQUISA E PROCEDIMENTO DE REALIZAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA

Essa pesquisa foi realizada em uma escola de ensino técnico profissionalizante do interior de São Paulo, com 38 participantes, de faixa etária entre 16 e 21 anos. Um dos motivos da escolha dessa escola se dá pelo fato deste pesquisador atuar nessa escola como professor, porém, outra razão da escolha foi a facilidade para executar as rodas de conversa uma vez que a instituição ofereceu todo o suporte necessário, como, por exemplo, uma sala em horário extraordinário para a execução das conversas.

Mais importante para escolha desse local foram os próprios sujeitos dessa pesquisa, por se tratar de uma instituição de ensino técnico profissionalizante de período noturno com alunos bolsistas e pagantes, foi possível construir turmas bastante variadas em termos de idade, renda e tipo de escolaridade, proporcionando assim, dentro do possível, grupos heterogêneos.

Por último, há um diferencial interessante nesses participantes, que inclusive foi um dos temas em pauta nas rodas de conversa, em tese eles cursam o ensino técnico profissionalizante dessa escola por escolha própria, ao contrário da escola regular que alguns ainda

cursam no período matutino, enquanto o curso profissionalizante se dá no período noturno. Por conta disso, buscando desenvolver uma reflexão nesses participantes sobre as pressões sociais entre trabalho e estudo em uma escola profissionalizante, o tema trabalho e estudos foi pauta de uma das rodas de conversa.

A finalidade das rodas de conversa nesse estudo foi a construção de um ambiente que possibilitasse que a voz e as opiniões dos sujeitos dessa pesquisa fossem ditas e ouvidas, ouvir seus anseios, problematizar a sua realidade e, tendo em vista os objetivos dessa pesquisa, promover um momento de reflexão crítica e de discussão em cima de certos temas.

Cada roda de conversa foi organizada com base em um tema central e uma ou mais questões disparadoras. Inicialmente, cogitou-se que sobre cada questão disparadora os participantes fossem orientados para levarem em consideração o ponto de vista deles e o da sociedade, porém, a pedido dos próprios participantes, um terceiro ponto de vista foi adicionado à pauta: o de seus pais.

Portanto, a cada roda de conversa houve um tema central e uma ou mais questões disparadoras sobre as quais os participantes deveriam discutir levando em consideração três pontos de vista, que poderiam ser distintos ou não.

Desde o início das conversas os sujeitos dessa pesquisa foram orientados de que eles não eram obrigados a apresentar ou responder algo caso não desejassem, que não se tratava de uma avaliação objetiva de certo ou errado, sim ou não, mas que se tratava de um momento para que eles expressassem suas mais sinceras opiniões acerca dos temas discutidos, de que essas rodas eram uma experiência de pesquisa na qual eles teriam total liberdade para falar e serem ouvidos sem serem repreendidos.

Gostaria inclusive de fazer uma observação importante aqui, essa

orientação inicial aos participantes foi de extrema importância para o sucesso e a adesão dos participantes às rodas de conversa. Creio que sem esses esclarecimentos a adesão teria sido bem menor, assim como a assiduidade dos participantes. Ao avaliar as opiniões e reações dos participantes após esses esclarecimentos terem sido dados, foi possível perceber que a menção de que eles teriam liberdade para falar e serem ouvidos sem serem repreendidos e de que aquilo não se tratava de uma avaliação foi o grande atrativo das rodas de conversa.

Tal constatação foi confirmada após a realização das rodas, pois percebeu-se que esses jovens tinham muito o que falar, as horas das rodas de conversa se mostraram pouco para tanta vontade dos participantes.

Segundo Chizzotti (1995), os dados qualitativos deverão ser validados segundo alguns critérios: fiabilidade (independência das análises meramente ideológicas do autor), credibilidade (garantia de qualidade relacionada à exatidão e quantidade das observações efetuadas), constância interna (independência dos dados em relação a acidentalidade, ocasionalidade) e transferibilidade (possibilidade de estender as conclusões a outros contextos).

Tendo em vista o exposto, alguns cuidados foram tomados durante a coleta e seleção dos dados obtidos mediante a observação detalhada das rodas de conversa. Foram criados 4 grupos para a realização das rodas de conversa, com integrantes variados, tendo como principal característica o fato de serem jovens, outras características como gênero, idade, renda familiar, grau e tipo de escolaridade variaram entre e dentro dos grupos formados.

As rodas de conversa foram realizadas nas próprias salas de aula dos participantes de cada grupo, sendo assim, mais conveniente para eles. Foram realizadas em um horário anterior as aulas em dias que os participantes pudessem comparecer. Conseqüentemente, esses grupos foram construídos de acordo com as salas de aula em que houve jovens

dispostos a participar voluntariamente.

O grupo A foi o primeiro a ser montado com uma sala do curso técnico em administração, o grupo B foi montado com uma sala do curso técnico em edificações, o grupo C foi montado com uma sala do curso técnico em secretariado e o grupo D foi montado com uma sala do curso técnico em logística.

Os critérios de seleção dos participantes em cada grupo foram definidos com o objetivo de tentar construir grupos heterogêneos mas com um pequeno desvio da faixa etária para que a os participantes não se sentissem pressionados pela presença de outros participantes com idades muito divergentes. Tal constatação ocorreu durante as atividades como professor desses alunos no horário de aula normal (fora do contexto da pesquisa), no decorrer das aulas ministradas observou-se que os alunos mais velhos davam pouca abertura para os alunos mais novos se expressarem e provavelmente isso poderia ocorrer também durante as rodas de conversa.

O pesquisador foi em cada uma das salas de aula e apresentou os objetivos de sua pesquisa e os aspectos gerais da atividade a ser realizada, feito isso indagou sobre quem gostaria de se voluntariar a participar das rodas de conversa e com isso montou uma lista com nome, idade, gênero e tipo de escola em que cursou o ensino básico.

O grupo A contou com 12 inscritos, sendo 5 homens e 7 mulheres, foram escolhidos 4 homens e 6 mulheres, o homem e a mulher excluídos possuíam uma idade muito distante da faixa etária dos outros inscritos, 25 e 29 anos respectivamente.

No grupo B houve 15 inscritos, sendo 3 homens – todos os homens da sala por sinal – e 12 mulheres. Os 3 homens foram escolhidos e então 3 mulheres, com idade superior a 25 anos foram excluídas.

O grupo C contou com 8 inscritos – todos os alunos da sala – sendo 3 homens e 5 mulheres, por conta de se tratar de uma turma que residia em uma cidade diferente da cidade dos participantes dos grupos a, b e d, não foi possível completar o número do grupo com alguns dos participantes excluídos.

Por fim, no grupo D houve 17 inscritos e com o objetivo de equilibrar o número de homens e de participantes que cursaram a educação privada, o critério para exclusão nesse grupo foi o gênero e o tipo de escola cursada, assim, o grupo teve 7 homens e 3 mulheres.

Os detalhes dos 4 grupos foram resumidos no quadro a seguir:

Tabela 1 - Composição dos grupos de alunos para as rodas de conversa

Quadro 1 - Composição dos grupos de alunos para as rodas de conversa				
Denominação do Grupo	Número de Participantes	Faixa Etária	Tipo de Escola que cursou	Classes Socioeconômicas
A	10	16-19	Pública	C e D
B	10	17-21	Pública e Privada	B a D
C	8	16-18	Pública e Privada	C e D
D	10	15-17	Privada	B

A finalidade dessa dissertação é debater as produções de subjetividades dos jovens, motivo pelo qual esses participantes foram escolhidos – apesar de parecer que eles escolheram esta pesquisa –, tendo como recorte a sociedade de consumo e a educação. Ao mesmo, buscou-se realizar uma pesquisa que produzisse efeitos em seus participantes, não só uma coleta de dados e análise do mesmo foi almejada aqui, uma pesquisa social pode promover em seus participantes algo mais.

Com isso em vista, foram elaborados temas que pudessem aplacar sobre os participantes intensos debates e sentimentos, que ao mesmo tempo fossem abrangentes e próximos à problemática desse estudo. Por conta disso, foram definidos os seguintes temas e questões disparadoras, lembrando que deveriam ser levados em conta os pontos de vista deles, da sociedade e de seus pais:

1. Dinheiro: Qual o seu significado e Para que serve;
2. Sucesso: Definição de sucesso;
3. Felicidade: Definição de felicidade e O que traz felicidade;
4. Consumo: O que é e qual seu significado;
5. Consumismo: O que é e qual seu significado;
6. Trabalho e Estudo: Há relação entre eles? ; Motivações;

O tema dinheiro foi escolhido pelo fato de ser algo latente a questão do consumo uma vez que é quase impossível consumir sem ter dinheiro. Sucesso e Felicidade por outro lado são temas aparentemente distantes da questão do dinheiro, porém, se levados em consideração os argumentos do arcabouço teórico dessa pesquisa, pode-se perceber que o sistema capitalista por meio do marketing e da publicidade direcionada ao consumo e ao incentivo ao consumismo, se vale de diversos símbolos e busca imprimir os desejos de consumo nas pessoas por meio desses símbolos, entre eles, o Sucesso e a Felicidade, diversas vezes presentes em comerciais e propagandas.

Consumo e Consumismo, logicamente, foram colocados em pauta por serem um dos objetos de estudo dessa pesquisa que tem como recorte a sociedade de consumo. Por último, como já foi explicado anteriormente, a temática de trabalho e estudos se deu pelo fato desses alunos cursarem o ensino técnico profissionalizante.

Os seis temas foram abordados e o mesmo número de rodas foram realizadas com todos os grupos, totalizando 24 encontros, a participação do pesquisador nas rodas foi como mediador, disparador

das conversas e observador.

Com relação à constância e ocasionalidade dos dados observados adotou-se a seguinte metodologia: elaborar uma série de tabelas para organizar as expressões verbais e não-verbais que mais foram observadas nos respectivos grupos, assim como, as que menos foram observadas. Adicionalmente, foram destacadas nas tabelas as expressões verbais e não verbais que foram excessivamente utilizadas nas rodas de conversa, ou seja, que se repetiram mais de 2 vezes em 3 grupos diferentes, com esse critério buscou-se evidenciar a força de certas subjetividades, a ponto de ocorrerem em grupos de jovens relativamente distintos e que não tiveram contato entre si.

Tendo em vistas os objetivos e a problemática desse estudo a escolha por observar as expressões que mais apareceram, fundamentam-se no arcabouço teórico já apresentado, a sociedade de consumo busca a uniformização dos discursos, a massificação dos significados e a construção de um consenso sobre as coisas, entre elas, os temas debatidos nas conversas, assim, a observação dos discursos, frases, opiniões, enfim, das subjetividades predominantes serve como referência para a análise e o debate desse estudo.

Da mesma maneira, a seleção das subjetividades menos vistas também serve como um dado interessante, uma vez que podem indicar a existência de pontos de ruptura com o consenso, seja pelo lado construtivo – como se fosse um processo de singularização – seja pelo lado alienante da sociedade de consumo.

4.3 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DE DISCUSSÃO DOS DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Diversas são as técnicas dentro do campo das pesquisas qualitativas de análise e interpretação dos dados. Tendo em vista a vasta quantidade de informações produzidas/coletadas pelas rodas de conversas: expressões verbais transcritas em documento e não-verbais

observadas e anotadas ao longo das conversas, buscou-se um método apropriado e validado dentro das ciências sociais e qualitativas.

Um método que permitisse a organização desses dados e uma análise apropriada deles. Diante disso, a metodologia adotada para analisar os dados dessa pesquisa foi a da análise de conteúdo, que segundo Chizzotti,

Análise de conteúdo é um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento. (1995, p.98).

Tendo em vista que esse estudo, por meio da observação das rodas de conversa, produziu e coletou dados verbais e não-verbais dos mais variados, e que os mesmos foram transcritos, a metodologia exposta se mostra adequada para auxiliar no alcance dos objetivos propostos e análise da problemática.

Ainda referente à isso, recorro à Bardin (2009, p.15), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Uma vez que o objetivo da análise de conteúdo, assim como o desse estudo, é compreender criticamente os sentidos, os conteúdos aparentes ou latentes e as significações explícitas ou ocultas, das comunicações verbais e não-verbais produzidas pelos sujeitos pesquisados. Com relação a decodificação das transcrições Chizzotti (1995) esclarece que diversos procedimentos podem ser adotados a depender da situação ou material.

Ainda segundo Bardin (2009) a análise de conteúdo pode ser descrita como um conjunto de técnicas voltadas à análise das comunicações que se apropria de procedimentos sistemáticos e objetivos ao descrever o conteúdo proposto em mensagens.

A análise de conteúdo, entretanto, deve originar de uma organização para reter um aplicação coerente de seus métodos, uma vez estudado e assimilado o conteúdo transposto por uma mensagem ou enunciado. Seus métodos e técnicas podem ser apresentados, respectivamente, como: organização de análise, codificação de resultados, categorizações, inferências e informatização da análise de comunicações. Tendo em vista essa metodologia, alguns procedimentos e critérios para organização dos dados foram adotados:

1. Os dados produzidos nas rodas de conversa foram organizados em tabelas que consolidaram todos os grupos de acordo com o tema central, totalizando assim, 6 tabelas, uma para cada tema, e foram separados pelos pontos de vista (meu, pais e sociedade) e pelos critérios de seleção. A seguir um exemplo de uma das tabelas:

Tabela 02 – Organização dos dados produzidos

Divisão dos relatos verbais e não-verbais dos participantes das rodas de conversa				
Tema Central; Perguntas Disparadoras				
Ponto de Vista	Termos mais utilizados (regularidade)	Termos menos utilizados (singularidade)	Reações mais vistas (regularidade)	Reações menos vistas (singularidade)
Do participante				
Impressão do participante acerca da opinião dos Pais				
Impressão do participante acerca da opinião da sociedade				

2. O critério de seleção das observações feitas nas rodas de conversa acerca da expressões verbais e não verbais foi: Mais

observadas, quando ocorreram 3 vezes ou mais no mesmo grupo em uma mesma roda de conversa, e Menos observadas, quando ocorreu apenas uma vez em uma roda de conversa em um grupo. A escolha desse critério teve o objetivo de analisar a predominância de um discurso homogeneizador, no caso dos mais observados, e no caso do menos observadas teve o intuito de evidenciar a “surpresa” do pensamento fora desse discurso ou não;

3. Destaque das expressões excessivamente utilizadas, ou seja, que ocorreram mais de 2 vezes em 3 grupos diferentes, com o objetivo de analisar a força desses sentidos;
4. Seleção de frases e expressões verbais mais marcantes de acordo com os efeitos produzidos pelas mesmas durante as rodas e/ou por suas significações latentes, para análise posterior;

No próximo capítulo, os dados obtidos na pesquisa de campo serão apresentados e, concomitantemente, discutidos de acordo com o referencial teórico já exposto.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos grandes dilemas, e também uma das virtudes da pesquisa qualitativa é o cuidado que dever ser tomado no momento de seleção e organização dos dados coletados/construídos. Uma vez que todos os fatos podem vir a ser relevantes e preciosos: a constância das observações e/ou sua ocasionalidade, o momento da fala e o momento de silêncio, as expressões verbais e não-verbais, enfim, uma hora de observação de um fenômeno podem produzir tantas informações quanto centenas de questionários de múltipla escolha.

Na pesquisa qualitativa procura-se compreender as experiências e vivências dos sujeitos pesquisados, a maneira como eles constroem suas significações, o conhecimento, e, no caso desse estudo, a sua própria subjetividade. Logo, é necessário encontrar nas observações essas significações para serem analisadas, ao mesmo tempo, é preciso ter consciência de que todos os participantes têm algo a dizer ou não, que todos são importantes e únicos.

Porém, é preciso também encontrar uma maneira de selecionar e organizar essa imensidão de dados de maneira a permitir a análise deles e a conclusão da pesquisa. E o primeiro passo para tanto foi a organização do processo de coleta de dados, explicado anteriormente.

As rodas de conversa promoveram um debate interessante e muito produtivo entre os participantes sobre os mais variados temas, além disso, todos esses temas estavam entrelaçados e buscaram instigar nos participantes uma reflexão crítica sobre os diversos significados desses temas e sobre a realidade em que vivem. Muito mais do que isso, essas reflexões produziram diversos dados, verbais e não verbais, que serviram como base para analisar e debater a produção de subjetividades desses sujeitos.

Antes mesmo de serem organizadas e consolidadas as atividades das rodas de conversa já começaram a produzir dados, acerca disso a primeira observação que pôde ser feita ocorreu durante a realização das primeiras rodas, quando foi solicitado aos participantes que levassem em consideração dois pontos de vista para os temas em pauta: para eles e para a sociedade, esse pedido gerou a primeira observação deste estudo logo no instante em que foi feita.

Esse pedido gerou uma reação interessante em todos os 4 grupos, houve uma manifestação por parte dos participantes: eles indagaram onde o ponto de vista de seus familiares se encaixava e, por conta disso, as orientações para as rodas de conversa foram alteradas e o ponto de vista de seus familiares também foi inserido na pauta das conversas – como pôde ser visto na tabela 1 no capítulo anterior.

Outro fenômeno que foi observado, ao contrário do esperado por este pesquisador, foi o período de silêncio durante o início da primeira roda de conversa de cada um dos grupos, o tema era colocado em pauta e, de repente, todos aqueles jovens cheios de energia – e que durante as aulas possuíam uma incrível habilidade de falar sem se cansar – eram tomados por uma timidez incomum. Até que, após alguns instantes ou até mesmo minutos, algum participante expusesse suas opiniões e então veio o efeito dominó, os outros participantes timidamente foram dando suas contribuições e a conversa foi se desenvolvendo.

Além disso, foi interessante observar também como as reações dos participantes variavam muito de acordo com o tema e as opiniões expostas dos outros envolvidos. Fato esse que foi anotado e inserido nas tabelas consolidadas.

Sendo assim, para fins de exposição e análise dos dados produzidos nas rodas de conversa, os próximos tópicos serão organizados de acordo com os temas centrais, da mesma maneira que as tabelas consolidadas foram construídas.

Serão analisados os dados produzidos nas rodas de cada tema, por meio da análise e discussão dos termos mais e menos vistos - que serão evidenciados pelas tabelas consolidadas – seguidos de alguns relatos baseados nas próprias respostas dos participantes que foram marcantes nas atividades e pertinentes para o debate desse estudo.

Com relação aos relatos e o critério de seleção dos mesmo, alguns se mostraram marcantes por sua complexidade e extensão, outros por serem discursos fora do regular, indícios de uma possível singularização da subjetividade. Além disso, esses relatos foram selecionados pois produziram diversos efeitos nas conversas, tais como discussões acaloradas ou concordância mútua entre os participantes, foram relatos que conseguiram resumir a opinião de muitos dos participantes ou então que entraram em conflito com a opinião geral do grupo.

A escolha desse estilo de apresentação e análise dos dados em detrimento da ordem cronológica em que as rodas de conversa ocorreram se deve pelo fato das mesmas não terem ocorrido de forma ordenada e linear, as rodas de conversa e os temas debatidos seguiram o ritmo e a disponibilidade de cada grupo, dessa forma, para que análise e apresentação dos dados não fique confusa, as mesmas serão feitas de acordo com as tabelas construídas.

Portanto, na primeira seção desse capítulo as rodas em que o tema dinheiro esteve em pauta serão discutidas, baseando-se na tabela consolidada e nos relatos selecionados. Na segunda seção a temática do sucesso será abordada. Em seguida será debatido o tema felicidade. Depois, na quarta seção o tema trabalho e estudos. Enfim no quinto tópico, serão discutidos, paralelamente, consumo e consumismo.

5.1 – RODAS DE CONVERSA SOBRE DINHEIRO

Início essa seção com a “fotografia” do que foram as rodas de conversa acerca da temática do dinheiro.

Tabela 03 – Tabela Consolidada das Rodas de Conversa sobre Dinheiro

Categorização das opiniões e relatos verbais e não-verbais dos participantes de todos os grupos				
Tema: Dinheiro; Questões disparadoras: Qual o significado dele e Para que serve				
Ponto de Vista	Termos mais utilizados	Termos menos utilizados	Reações mais vistas	Reações menos vistas
Do Participante	Tudo; Necessidade ; Não dá pra viver sem ele; Meio pra comprar coisas necessárias e o que eu quero; Dependência; Consumo ; Sobrevivência ; Não traz felicidade mas traz conforto; Comida e pagar as contas	Felicidade e Sucesso; Compra quase tudo; Serve pra se distrair; Tem que vir de um trabalho que eu goste; Muito bom mas tem que saber administrar; Não precisa ter bastante; Pedaco de Papel que a gente dá valor demais; Serve pra me dar o básico; Independência; Nada	Risadas, Assentimento com a cabeça, muitas Piadas sobre ter dinheiro ou não	Discordância em algumas poucas afirmações, Murmurinhos sobre o que compraria se tivesse mais dinheiro
Impressão do Participante acerca da opinião de seus pais	Meio para ter Educação e Saúde; Ajuda pra ter as coisas; Importante se vem do seu emprego, Base; Luxo; Básico pra sobreviver; Casa e Alimentação	Esperança; Não ter atrapalha pra estudar; Necessidade; Traz benefícios; Resultado do trabalho; Lucro; Qualidade de Vida; Solução e Problema	Alguns não souberam responder, os que souberam foram muito diretos nas respostas, Desatenção entre falantes e ouvintes	Assentimento
Impressão do Participante acerca da opinião da Sociedade	Poder ; Necessidade; Essencial; Faz o mundo girar; Tudo ; Base de tudo; Ganância ; Luxúria; Status; Consumismo; Ostentação	Dão muito valor a ele; Meio para consumir; Lucro e Juros; Forma de troca e conseguir tudo (material) o que deseja; Ilusão; Na nossa sociedade tem Pessoas que matam e morrem por ele quando não deveriam; Várias coisas; Extremamente Importante sem ele a sociedade te derruba	Seriedade, Concordância mútua, Suspiros	Não houve

A primeira temática abordada nas rodas de conversa foi o Dinheiro, logo de início esse tema suscitou nos participantes uma conversa descontraída mas muito objetiva, uma conversa com pouquíssimos desvios do tema central e sem grandes conflitos, na maior parte do tempo os participantes tinham impressões semelhantes sobre o dinheiro.

Diversos foram os conceitos e significações atribuídos a ele e a sua função na sociedade atual, tais como: meio de conseguir comprar

aquilo que eu quero e coisas necessárias, poder, segurança, luxo, ganância, status, algo essencial, resultado do seu trabalho.

A primeira observação coletada sobre essas rodas é que foi um tema que causou pouca discórdia, muitos foram os significados atribuídos ao dinheiro, fosse pelo ponto de vista pessoal, pela impressão que eles tinham do ponto de vista de seus pais ou da sociedade, mesmo assim, na maior parte das conversas houve assentimento e concordância mútua entre os participantes sobre os diversos significados que o dinheiro tem.

Porém, dentre os vários significados que foram atribuídos ao dinheiro, houve um que teve maior destaque, que segundo a maioria dos participantes, é a sua função principal: compras; consumo. Ao analisarmos a maioria dos termos, observações e expressões dos participantes sobre o a função do dinheiro na sociedade pode-se notar a íntima relação entre dinheiro e consumo, cito os seguintes relatos que, apesar de relacionarem o dinheiro ao consumo, diferem um pouco entre si acerca das definições sobre o dinheiro:

Para meus pais o dinheiro é um **problema** e uma **solução**. Pra mim não significa **nada**. Na sociedade representa várias coisas, pra ela o dinheiro **compra tudo**.

Para nossa sociedade acho que representa tudo, **felicidade**, ostentação. Para mim não tem significado a não ser para **comprar** comida e para os meus pais, é serve pagar contas.

O dinheiro representa muito para a sociedade, sem o dinheiro não conseguimos **ter nada**, para algumas pessoas representa **alegria** e **felicidade**, mais para mim não significa isso pois o dinheiro só traz **alegrias momentâneas**, o dinheiro não é para sempre.

Conforme pode-se notar nos termos destacados, outras relações muito interessantes puderam ser observadas tais como a associação que foi feita entre felicidade, alegria passageira e o dinheiro. Outra afirmação curiosa foi a associação recíproca do dinheiro como problema e solução, porém, todas essas associações ocorreram em casos isolados, apenas quatro vezes em três grupos distintos sem

repetições, sinais de possíveis singularizações acerca desse tema.

Outra observação que pôde ser feita também foi a separação existente entre os pontos de vistas nos seus discursos. Contudo, essas opiniões, em todos os pontos de vista, estiveram na maioria das vezes associadas à questão do consumo. De fato, o dinheiro foi constantemente associado a poder realizar compras, ao consumo e ao consumismo, nesse ponto, as conversas deixaram de lado o dinheiro e passaram a focar o que se faz quando se tem dinheiro na mão, nesse ponto, foi possível notar as influências que sociedade e os pais tiveram em seus discursos.

Quando foi levado em consideração a percepção dos sujeitos acerca dos pontos de vista de seus pais, o dinheiro serviria para investir em coisas como educação, saúde e alimentação, deveria ser fruto do trabalho, o dinheiro é a base para se ter uma casa e segurança. Sobre isso cito os relatos:

O dinheiro para mim é um meio de comprar as coisas necessárias, para também se distrair, na minha vida ele representa o esforço do meu trabalho como diriam meus pais, já na sociedade ele representa um meio de consumo.

Dinheiro pra mim não traz felicidade, mas traz conforto. Ele representa uma parte da minha vida, preciso dele para manter minha qualidade de vida. Na sociedade, muitas vezes o dinheiro representa tudo.

Já se levado em consideração o significado do dinheiro segundo a percepção que eles têm acerca dos discursos da sociedade, suas opiniões foram bem claras: o dinheiro representa Poder, Status, Faz o mundo girar, é Ostentação e Tudo. Cito dois relatos que em ambas as rodas nas quais ocorreram foram acompanhados de assentimento pelos outros participantes:

O dinheiro para mim é algo que traz benefícios mas não compra tudo. E para sociedade ele é "tudo", as pessoas dão muito valor à ele quando não deveriam.

Um pedaço de papel, representa a minha sobrevivência e meu consumo, ter ele é um luxo pros meus pais. Na sociedade é

uma dependência, a base, ganancia

Por fim, ao analisarmos seus relatos pessoais acerca do que é e o que significa o dinheiro, as opiniões foram mais variadas, mas, em geral acompanhavam um termo: consumo. Porém, como algumas singularizações foram observadas, duas citadas anteriormente, e uma delas foi bastante marcante durante uma das rodas:

Para mim o dinheiro significa independência, já para a sociedade talvez não tenha o mesmo significado; acredito que para eles o dinheiro é tudo quando na verdade não é, a prova disso é que as pessoas matam e morrem por ele, quando não deveriam.

Acerca das primeiras impressões deixadas pela temática do dinheiro, a subjetividade impressa nos discursos desses jovens é bem complexa e repleta de influências, algumas são claras como as provenientes de seus pais quanto à importância do trabalho como fonte de obtenção do dinheiro e a sua importância para suprir as necessidades básicas.

Por outro lado, em relação ao ponto de vista pessoal e o ponto de vista da sociedade pode-se concluir que as impressões que esses jovens têm sobre as mensagens e significações produzidas pela sociedade a eles são claras e, ora são compartilhadas ora desaprovadas por eles. O dinheiro é visto majoritariamente por eles como uma fonte de poder e um meio de compra essencial, algo que pode trazer liberdade e que é importante para a sobrevivência de todos, nesse ponto não houve distinção entre os discursos pessoais e o ponto de vista da sociedade. O relato abaixo resume bem essa observação:

O dinheiro é o recurso que usamos para viver, com ele compramos comida, roupas. Significa o meio/recurso fundamental para nossa sobrevivência. Para sociedade, em alguns casos se torna motivo de ganância, mas como um todo significa tudo, pois dependemos dele pra comprar tudo.

Já com relação à felicidade e alegria que o consumo pode trazer e a sensação que lhes é transmitida pela sociedade de que o dinheiro é

tudo, o mais importante, a opinião dos jovens é conflitante, muitos, provavelmente influenciados pelos valores que lhes foram impressos pela educação de seus pais, refutam essas noções. Conforme os relatos abaixo:

Representa **felicidade, sucesso**, etc. Mas para mim dinheiro é um meio para conseguirmos **comprar** aquilo que queremos.

O dinheiro na sociedade representa poder, "quem tem dinheiro tem tudo". Pra mim o dinheiro significa trabalhar muito para ganhar um pouco de papel e que se compra várias coisas.

Porém, alguns discursos de plena concordância com esse ideal também puderam ser observados, como esses relatos:

O dinheiro é essencial nos dias de hoje, não dá para viver sem dinheiro, tudo precisa de dinheiro, na sociedade o dinheiro representa poder.

O dinheiro significa muito pra mim, pois sem ele não faço nada. Ainda mais na sociedade é extremamente importante. Para os meus pais eu acho que é tudo, sem ele não comemos não vestimos, não fazemos nada.

Como Baudrillard e Bauman defendem, o consumo esteve a todo momento relacionado à necessidade e desejos, fato que pode ser visto na tabela consolidada, esses termos foram utilizados diversas vezes nas conversas e ocorreram em todos os grupos. Além disso, vale ressaltar que a associação do dinheiro ao consumo acima de tudo demonstra uma das formas de subjetivação possível da lógica do capital, uma vez que, segundo o exposto por esses autores, na sociedade pós-moderna o consumo se torna um dos pilares de dominação capitalista, a associação imediata do dinheiro ao ato de consumir é uma clara demonstração disso e, também, serve como demonstração de que as subjetividades produzidas pelo sistema foram sucedidas em influenciar esses jovens.

Ainda assim, é digno de nota que, apesar de alguns discursos acompanharem a subjetividade produzida pela sociedade, pelo menos para esses jovens o que a sociedade busca imprimir neles sobre dinheiro, poder e consumo é bem claro, esses termos andam juntos

mas, nem por isso e nem pelo fato de serem em parte verdade – como a questão de consumir o que é básico para se ter qualidade de vida –, dinheiro é uma representação de felicidade, nem mesmo é algo tão importante assim, conforme indicado de maneira até triste nesse relato que encerrou uma das conversas no grupo C:

O dinheiro é que movimenta o mundo, acredito que não precisamos de muito, mas no mundo em que vivemos o dinheiro vem sendo a base de tudo, tem gente matando e morrendo por ele, sem ele a sociedade te derruba.

5.2 – RODAS DE CONVERSA SOBRE SUCESSO

Tabela 04 – Tabela Consolidada das Rodas de Conversa sobre Sucesso

Categorização das opiniões e relatos verbais e não-verbais dos participantes de todos os grupos				
Tema: Sucesso; Questão disparadora: Definição de sucesso				
<i>Ponto de Vista</i>	<i>Termos mais utilizados</i>	<i>Termos menos utilizados</i>	<i>Reações mais vistas</i>	<i>Reações menos vistas</i>
Do Participante	Felicidade, Casa própria, Constituir família, Alcançar meus Sonhos, Vida Digna, Bom trabalho, Fazer Faculdade	Dinheiro, Trabalhar com o que gosto, Trabalhar na área que estudei,	Postura muito séria dos participantes, Concordância quando se mencionava em Faculdade, Trabalho e Família, Discordância com relação ao Dinheiro	Discordância no sentido de considerar um ou outro participante como "inocentes" ao se referirem ao Trabalhar com o que gosta
Impressão do Participante acerca da opinião de seus pais	Ter dinheiro, Felicidade, Faculdade, Família	Boas condições de Vida, Trabalhar na sua área e com prazer, Estudo caro e de qualidade	Risadas ao perceberem as semelhanças nos discursos dos pais e murmurinhos com relação às exigências deles	Discordância em relação ao Estudo caro e de qualidade e ao trabalhar com o que gosta
Impressão do Participante acerca da opinião da Sociedade	Ser rico e poderoso , Felicidade Momentânea, Conseguir comprar qualquer coisa	Gastar sem se importar, Classe Alta, famoso, Ser Bonito, Estar na Moda, ser Magro,	Tristeza misturada com muita Raiva	Breve discussão entre os participantes sobre pontos de conflito: Beleza, Magro, Dinheiro e Poder.

Ao contrário das rodas sobre o dinheiro, a temática do sucesso gerou alguns conflitos entre os pontos de vista distintos dos participantes, fosse pelo lado pessoal ou da própria sociedade, porém, gradativamente os discursos foram se assemelhando, principalmente quando os jovens perceberam a semelhança dos discursos de seus pais. Além disso, diversos discursos eram carregados ou de tristeza ou

raiva, principalmente quando se tratava do ponto de vista da sociedade.

Interessante observação que foi possível ser feita, apenas pela análise da tabela, é a incoerência entre discursos se comparadas as rodas de conversa sobre dinheiro. O principal ponto reside justamente sobre a relação de Dinheiro e Sucesso, na roda sobre esse tema ele foi associado ao Sucesso apenas duas vezes em dois grupos distintos, o fato ocorreu novamente, porém, dessa vez gerando algumas discussões sobre tais associações.

Um ponto controverso se dá ao compararmos a percepção sobre o discurso dos pais dos participantes, nas rodas sobre dinheiro ele foi associado ao trabalho, alimentação, estudos, e agora, foi quase consensual entre os participantes que dinheiro vem do sucesso e vice versa. Um ponto de vista muito semelhante ao pregado pela sociedade atual. Inclusive, os participantes notaram tal semelhança, para a sociedade sucesso é ter dinheiro, poder e, novamente, comprar o que quiser. Para seus pais, quando você é bem sucedido você tem dinheiro.

Outro fator interessante, muito relacionado ao sucesso, principalmente em relação ao ponto de vista pessoal e dos pais – e que inclusive foi surpreendente pois demonstrou muita maturidade dos participantes – foi a separação de sucesso financeiro e felicidade, em outras palavras, ser feliz, verdadeiramente feliz, alcançar os sonhos, para a maioria dos jovens, era uma forma de se determinar o sucesso na vida, ao contrário do que, segundo eles, prega a sociedade, nas palavras dos próprios participantes:

Para sociedade sucesso e felicidade é você ser rico, andar na moda, ser magro etc. Para mim é ter um bom emprego mas que eu goste, ir atrás dos meus sonhos, ser feliz. Etc.

Para a sociedade o sucesso e felicidade é sempre ter dinheiro, classe social alta, poder gastar sem se importar, ter poder. Para mim é fazer minha faculdade, poder ter minha casa e poder criar minha família em boas condições.

Para sociedade sucesso e felicidade é dinheiro e poder, para mim é realizar meus sonhos que planejo.

Com relação a tudo isso, os relatos a seguir expressam o que ocorreu nas conversas com os quatro grupos e resumem bem o que foi dito:

Para a sociedade o sucesso é ter dinheiro para conseguir a felicidade. Para mim, o sucesso é ter uma boa faculdade, e conseguir uma vida digna, com tudo conquistado e isso se torna uma felicidade.

Para a sociedade seria ter dinheiro para conseguir o sucesso e ter a felicidade, mais isso seria momentâneo. Para mim é fazer uma faculdade ter um bom serviço, ter uma boa profissão ter capacidade para exercer a minha profissão e ter sucesso nela.

Ficou evidente, que segundo esses jovens, a sociedade, e em alguns casos os seus pais, produzem discursos alienantes sobre dinheiro e sucesso, discursos repletos de mensagens e significados que caminham juntos na tentativa de induzí-los a associar esses dois termos. Alguns poucos jovens compartilham em parte desses discursos, muito talvez pelo fato de seus pais também defenderem tal associação entre ter dinheiro é sinônimo de sucesso.

Porém, após algumas discussões nos grupos, ficou claro para a maioria que sucesso é um termo complexo, sobre o qual tomam parte diversos fatores tais como: família, estudos, qualidade de vida e emprego. Associaram sucesso à conquista desses fatores, ditos como sonhos ou desejos deles.

Concluíram também que a sociedade vende a ideia que ter dinheiro permite a compra da felicidade, mas que isso é muito relativo, para eles a felicidade não se compra só com dinheiro, ele ajuda de fato a ter as coisas básicas como alimentação e moradia, mas sem outras coisas mais importantes, segundo eles, como família, um emprego que gostem e estudo, a felicidade seria apenas temporária, e, logo, isso para eles não seria considerado sucesso.

Por fim, outra associação muito recorrente, que ocorreu em meio a discursos maiores mas que com certeza é influente sobre suas

perspectivas é a a associação entre estudo e sucesso, diversas vezes, o sucesso e o estudo são complementares para os jovens, acerca disso cito alguns recortes de certos relatos:

...estudo justamente para ser uma pessoa bem sucedida e ter novas experiencias e conhecimentos, saber mais, ter mais oportunidades...

...com o estudo você conhece o trabalho e com isso tem dinheiro depois do sucesso e com isso você realizar seus sonhos e tem felicidade.

No próximo tópico esse tema recorrente que foi a felicidade foi tratada nas rodas de conversa e gerou um debate interessante.

5.3 – RODAS DE CONVERSA SOBRE FELICIDADE

Tabela 05 – Tabela Consolidada das Rodas de Conversa sobre Felicidade

Categorização das opiniões e relatos verbais e não-verbais dos participantes de todos os grupos				
Tema: Felicidade; Questões disparadoras: Definição de felicidade e O que traz felicidade				
<i>Ponto de Vista</i>	<i>Termos mais utilizados</i>	<i>Termos menos utilizados</i>	<i>Reações mais vistas</i>	<i>Reações menos vistas</i>
Do Participante	Precisa ter Estudo, Precisa ter trabalho, Conseguir dinheiro para ter condições de vida boas, Bom salário, Alcançar os sonhos, Dinheiro pra ter boa educação e conseguir um bom trabalho, Estabilidade; Família; Amor; Pessoas especiais ao meu redor; Me amar	Dinheiro pra poder comprar o que eu quiser; Sucesso no trabalho leva a Felicidade; Trabalhar com o que eu gosto ou quiser e receber um bom salário por isso; Sem dinheiro não dá pra conseguir estudo, nem trabalho, nem ser sucedido e logo, não há felicidade, é assim para mim, pros meus pais e pra sociedade; Confiança pra buscar meus objetivos; Amigos e Otimismo; Deus no coração; Saúde	Discordância com relação ao participante que relacionava seu ponto de vista,o de sua família e o da sociedade; Debate entre os discursos	Assentimento entre os participantes
Impressão do Participante acerca da opinião de seus pais	Faculdade e Emprego; Família	Dinheiro; Não ter dívidas; Estudo excelente e caro; Sem dinheiro não dá pra conseguir estudo, nem trabalho, nem ser sucedido e logo, não há felicidade;	Risadas ao associarem Sucesso e Felicidade, Respeito e silêncio	Debate entre os pontos de vista
Impressão do Participante acerca da opinião da Sociedade	Ser bonito; Ser Sucedido; Ser Rico e Ser Poderoso	Automaticamente está tudo ligado: Sucesso, Felicidade, Estudos e Trabalho; Sem dinheiro não dá pra conseguir estudo, nem trabalho, nem ser sucedido e logo, não há felicidade;	Assentimento com relação aos pontos de vista mais comuns e até mesmo com os menos comuns; Piadas com o moderador e sua visível inconformidade	Não houve, parece que a energia deles havia acabado

As rodas de conversa sobre a temática da Felicidade foram umas das mais acaloradas, as conversas se concentraram no ponto de vista pessoal de cada um sobre o que era felicidade e o que trazia felicidade. Foram conversas intensas repletas de discordâncias mas também divertidas.

Ao que parece os participantes já estavam bem mais a vontade com a dinâmica e por isso os discursos foram mais enérgicos e dinâmicos.

Acerca disso cito um relato de uma participante que foi simples e objetivo, carregado de uma lógica de causa e efeito que viria a ocorrer diversas vezes:

Ser quem eu sou. Passar no vestibular, conseguir uma bolsa na faculdade, me tornar qualificada na área que pretendo trabalhar. Ser sucedida, ter uma família, ajudar pessoas que precisem de ajuda, viajar conhecer o mundo a fora.

Felicidade foi um termo que suscitou diversos sentimentos entre os participantes, um tema que permeia outros temas, que envolve uma gama de fatores e sentidos que ao longo das conversas foram sendo ditos e discutidos. Dentre as principais discussões, uma em particular, no grupo B foi interessante pois colocou de um lado um participante que tinha um posicionamento bem duro sobre a felicidade, que assemelhava o discurso da sociedade e de seus pais com o dele mesmo:

Dinheiro no bolso, um emprego estável e assim posso comprar o que eu quiser. Simples assim. Sem dinheiro não dá pra conseguir estudo, nem trabalho, nem ser sucedido e logo, não há felicidade, é assim para mim, pros meus pais e pra sociedade;

O grupo B se concentrou por um tempo considerável debatendo essa afirmação, rebateram com suas próprias considerações e pela primeira vez em todas as conversas a religião foi mencionada, cito algumas das opiniões dos participantes do grupo B e algumas de outros grupos também:

Estar na presença de Deus. Fazer suas vontades, tê-lo em meu coração.

Para me sentir feliz realizada, alegre porque consegui superar minhas expectativas, para viver bem estar em harmonia, para o meu dia a dia, calmo, paciência e diálogo.

Da minha família, dinheiro, e amigos de verdade, companheirismo e meu sorriso para encarar as coisas ruins.

Não preciso de muito não, sim da minha família e dos meus amigos. Saber que consegui alcançar “etapas” na minha vida no dia a dia. E para viver bem, sempre aceitando as pessoas como elas são e se mantendo firme.

Estar bem comigo mesma, com as pessoas que convivo.

Preciso da minha família, amigos porque na vida solidão é o pior castigo. Ser uma pessoa humilde, generosa e sempre pensando no bem não apenas de si próprio mais também do próximo. Sorrir independente de tudo, pois quem faz seu dia mais belo é você mesmo.

Foi muito gratificante perceber o empenho dos participantes em tentar conversar com o sujeito que deu a afirmativa conflitante, como se estivessem tentando “abrir a mente dele”, de fato, após uma longa conversa ele alterou um pouco seu discurso, agradando à todos e, aparentemente, a si mesmo também:

Preciso de pessoas especiais ao meu lado, para viver bem eu preciso de dinheiro, para meu dia a dia.

Porém, ao longo dos vários relatos que foram ouvidos pode-se perceber que felicidade é algo que se conquista para os jovens, amplamente associada à família e amigos, como pode ser visto nestas opiniões:

Somos nós mesmo. Preciso da minha família e dos meus amigos sempre por perto e ser realizada profissionalmente.

Preciso da minha família, ter minha família por perto, ter confiança para ir atrás dos meus objetivos e dinheiro.

Preciso ter contato com meus amigos para descontrair, e ter pensamentos positivos acima de tudo. Eu preciso, em primeiro lugar estar bem comigo mesmo, depois com a família. Assim alcançando a felicidade.

Minha família e pessoas que me querem bem ao meu lado, ser feliz com as coisas mais simples: um sorriso, abraço e companhia de alguém especial.

Outro ponto importante que foi mencionado diversas vezes nas conversas é o amor próprio, assim como exposto pelo referencial teórico dessa pesquisa, a juventude é de fato uma fase conturbada na qual o jovem ainda está construindo a si mesmo, pelo visto um momento que implica um conflito interno considerável uma vez que a afirmativa: estar bem comigo mesmo(a) ocorreu diversas vezes em todos os grupos:

Para eu me sentir bem feliz, eu tenho que estar de bem comigo mesmo, pois estando de bem comigo mesmo tudo será mais fácil.

Para viver bem é sempre bom ter por perto pessoas que realmente gostem de você, e que quer ver seu bem!. Já para meu dia a dia preciso estar em harmonia comigo e pessoas ao meu redor e sempre com um sorriso no rosto.

A conclusão que se pôde tirar das conversas sobre a felicidade é que os jovens têm uma concepção pessoal sobre o tema muito bem definida, complexa, mas definida, que se baseia no equilíbrio entre amor-próprio, família e amigos. Mas que não deixa de lado fatores mais objetivos como emprego, estudos e dinheiro, uma vez que esses fatores, segundo eles, permitem uma melhor qualidade de vida. Em geral, o ponto de vista de seus pais acompanhou o pessoal, sinal de que tais significações têm origem na educação familiar.

Vale recordar o relato do sujeito do grupo B em que os pais associaram o dinheiro e a ausência de dívidas à felicidade e, conseqüentemente, acabaram por influenciar o filho. Um sinal de como os problemas financeiros podem acarretar uma produção de subjetividades bem conturbada.

Por fim, quando as conversas chegaram ao ponto de vista da sociedade, foi unânime, a sociedade imprime mensagens estereotipadas de felicidade: ser bonito, ser rico, sucedido e poderoso. Ficou claro que os jovens percebem essas pressões da sociedade, algumas de fato influenciam um pouco seus discursos, principalmente a questão do dinheiro.

Segundo Baudrillard, a felicidade – ou busca dela – é o que gera a sociedade de consumo. A força e insistência pela busca desta felicidade não é algo que podemos chamar de natural ou instintivo, pois segundo o autor, essa felicidade a nós apresentada hoje, deriva de fatores externos, da evolução da sociedade moderna, a sociedade de consumo em sua forma mais crua e sádica.

Já quanto a beleza e outros modismos não pareceu tão claro nas conversas, porém, levando-se em consideração sua linguagem corporal, o desconforto diante do termo bonito, a constante preocupação da maioria em se olhar no celular ao longo das conversas – fato observado em todas as rodas, assim como as *selfies* – e as recorrentes referências ao estar bem comigo mesmo(a) podem ser um indicativo de que, apesar de manterem separados nos pontos de vista, a beleza é um fator relevante para a felicidade deles. Quanto ao sucesso e ao poder, ficou claro para eles que o discurso capitalista da sociedade é repetitivo tanto que suscitaram algumas piadas a respeito.

Até o momento, esses três temas, dinheiro, sucesso e felicidade, permitiram compreender que para esses jovens, esses temas são repletos de significações, advindas de diversos agentes e meios, discursos alienantes como os produzidos pela sociedade foram, inclusive, percebidos e problematizados, porém, semelhanças entre seus discursos pessoais e familiares com esses discursos também foram notadas.

Por fim, observou-se também que, conforme evidenciado e defendido pelos autores do referencial teórico, a juventude é de fato uma fase complicada permeada e abarcada pela subjetividade capitalista da sociedade de consumo, tendo o consumo e suas “justificativas” como figura presente e recorrente em praticamente todas as conversas. Algo notável uma vez que os temas abordados até aqui são latentes e não diretamente ligados ao consumo e ao poder de consumir, em especial, tais associações vistas nas rodas sobre

Felicidade e Sucesso foram, no mínimo, intrigantes, se não, surpreendentes. Com relação as conversas sobre Dinheiro, a associação ao consumo era esperada, assim como sua associação à felicidade e sucesso, evidência que de fato, a lógica do capitalismo está presente logo cedo nos discursos dos indivíduos de nossa sociedade.

Veremos nas próximas rodas de conversa, temas mais direcionados, como trabalho e estudos, por serem alunos do ensino técnico, consumo e consumismo, que são um dos focos dessa pesquisa.

5.4 – RODAS DE CONVERSA SOBRE TRABALHO E ESTUDOS

Tabela 06 – Tabela Consolidada das Rodas de Conversa sobre Trabalho e Estudos

Categorização das opiniões e relatos verbais e não-verbais dos participantes de todos os grupos				
Tema: Trabalho vs Estudos; Questões Disparadoras: Qual a relação e O que te motiva				
<i>Ponto de Vista</i>	<i>Termos mais utilizados</i>	<i>Termos menos utilizados</i>	<i>Reações mais vistas</i>	<i>Reações menos vistas</i>
Do Participante	Adquirir Conhecimento para poder ter um Bom Emprego; Ajudar nas contas da família; Melhorar meu futuro; Necessidade; Pagar as contas	Não somos nada sem Estudo; Sonho em fazer faculdade para ter um bom emprego; Me desenvolver profissionalmente; Experiência de Vida; Crescer na vida; Vencer na vida; Queria ganhar na loteria!	Clara evidência entre a maioria da obrigação e da forte relação entre Estudo e Trabalho, quando um disse que queria ganhar na loteria pra não precisar fazer nada disso houve várias risadas e concordância entre a maioria; Raiva com relação ao tema	Alguns poucos ali gostavam de estudar e consideravam o trabalho algo bom
Impressão do Participante acerca da opinião de seus pais	Ajudar na renda familiar; Ganhar dinheiro; Mais estudo mais eu cresço no trabalho; Sair da situação atual	Ajuda nas finanças, se tem estudo ganha mais e gasta menos; Responsabilidade; Nada vem fácil na vida	Muitas críticas com relação à pressão familiar sobre ambos os temas Estudo e Trabalho; Irritação	Falar das finanças da família e da necessidade de ajudar
Impressão do Participante acerca da opinião da Sociedade	É a meta ou objetivo que temos de ter: Estudar pra ir trabalhar	Aumentar o lucro da empresa; Tem que estudar pra ter o próprio negócio; Investir é coisa de gente estudada	Confusão com relação a sociedade diante disso, porém, quando alguma afirmação era feita havia amplo consentimento; Ansiedade e Raiva misturada com tristeza	Certeza na hora de expressar pontos de vista sobre esse tema;

A temática sobre a relação entre Trabalho e Estudos foi considerada, principalmente, pelo fato dos sujeitos dessa pesquisa cursarem um ensino técnico profissionalizante, em um mundo que a educação cada vez mais é associada a empregabilidade, em que a utilidade/qualidade de uma instituição escolar é associada a isso.

Debater e problematizar as motivações desses jovens em cursar o ensino técnico noturno, e simultaneamente com o ensino médio, foi uma escolha que se mostrou muito produtiva. Assim como dinheiro, sucesso e felicidade produziram discursos latentes entre si, trabalho e estudos não poderiam escapar dessa lógica.

Porém, como esperado de alunos de um curso técnico, suas motivações para estudar são influenciadas pela lógica do capital, estudo para poder trabalhar, conforme pode ser visto em alguns desses relatos:

Para obter conhecimentos e sucesso futuramente no mercado de trabalho.

Estou estudando para me especializar mais no mercado de trabalho, para poder trabalhar no que pretendo.

Até o momento as rodas de conversa apresentaram discursos longos e repletos de mensagens elaboradas e com uma evidente influência dos pais, discursos que foram além do esperado e que diversas vezes foram contra o discurso homogenizador da sociedade capitalista.

Tendo em vista o arcabouço teórico apresentado previamente, pode-se pensar que o esperado era uma certa similaridade entre o discurso das pessoas e da sociedade, indicando que por meio de seus mecanismos de subjetivação, a sociedade de consumo conseguiu influenciar nos modos de ser das pessoas.

Porém, os diversos conflitos entre discursos, modos de agir e os pontos de vista visualizados nas rodas de conversas não demonstraram

tal realidade, por outro lado, demonstraram que as subjetividades fabricadas pela sociedade de consumo atuam de forma mais dissimulada, de forma indireta, ao invés de focar suas forças em significados claros e objetivos como dinheiro, ela busca alterar a concepção de sucesso e felicidade.

Segundo os sujeitos dessa pesquisa, é claro o discurso do capital e eles, como era de se esperar de um jovem ocidental que pensa cada vez mais de forma individualista, não se veem como parte desse discurso, porém, pode-se observar inconsistências em suas falas e seus modos de agir nas conversas que indicam que, pelo menos em parte, eles agem e pensam como a sociedade estipula.

E as rodas de conversa sobre trabalho e estudo puderam confirmar isso com clareza, a educação é vista, pela grande maioria, como um instrumento, um meio, um “trampolim” profissional, salvo algumas pessoas, na maior parte dos discursos os estudos foram associados ao trabalho. Porém, alguns discursos, apesar da influência desse discurso do capital, apresentaram rupturas, singularizações, ao mencionar algo mais, como qualidade de vida e conhecimento, cito os seguintes relatos:

Para ser uma pessoa bem sucedida e ter novas experiências e conhecimentos, saber mais, ter mais oportunidades.

Pra adquirir mais conhecimentos, me tornar uma pessoa qualificada e melhor naquilo que faço.

Pra poder crescer na vida, construir um bom futuro, com um bom emprego.

Para melhorar minha qualidade de vida e trazer muitas experiências e aprendizados.

Ao longo de todas as conversas e em todos os grupos, educação – tanto básica quanto profissional – foi definida como um meio de se conseguir um emprego. Inclusive muitas foram as vezes em que eles criticaram a educação básica, chamando-a de inútil e chata, que se pudessem tinham feito apenas o curso profissionalizante, que este pelo

menos seria útil, serviria pra arranjar um bom emprego e ganhar dinheiro, pagar as contas,

Uma constatação que foi muito conflitante com as afirmações e discursos feitos nas rodas anteriores, além disso, quando o tema foi focado em trabalho, as opiniões permaneceram na mesma lógica. Quando a pergunta foi invertida sobre as motivações do trabalho os seguintes relatos foram ouvidos:

Para ganhar dinheiro e ter algo pra fazer. Para ter minhas próprias coisas.

Busco por um emprego para ter uma estrutura financeira bem sucedida, para poder alcançar os meus objetivos na vida ter uma certa independência e ter a chance de conquistar um lugar para atuar no ramo que desejo.

Buscaria por um emprego melhor, um novo emprego que atendesse minhas necessidades financeiras e uma posição mais adequada.

Para colocar meus conhecimentos em prática a favor da empresa, visando seu lucro e meu crescimento profissional. Ter uma renda para eu pagar minhas contas

A eficiência alienante das subjetividades capitalistas pode ser observada com clareza nessas rodas, pontos de vista pessoais, familiares e da sociedade se misturaram completamente. Porém, os discursos foram incoerentes se comparados com a atitude deles durante as conversas houve uma clara evidência entre a maioria da obrigação e da forte relação entre Estudo e Trabalho, quando um disse que queria ganhar na loteria pra não precisar fazer nada disso houve várias risadas e concordância entre a maioria.

Além disso, houve também uma certa crítica dos participantes em relação à pressão social e de seus pais com relação a esses temas, assim, ao mesmo tempo reproduziam essas mensagens, eles pareciam ter certo ressentimento sobre essas concepções. Como se já não houvesse conflitos demais para serem resolvidos na fase da juventude, ainda tinham as questões de definição da faculdade, do trabalho etc.

Ao que tudo indica, a sociedade de consumo não perde tempo em suas pressões e se aproveita desse momento conturbado da vida das pessoas para começar seu processo de subjetivação, imprimir suas pressões e significações, forçando como diria Deleuze (2001), as pessoas a se adaptarem a esses novos modos de ser, numa pressão e numa velocidade cada vez maior, concedendo assim, menos tempo para reflexão sobre si e sobre tais decisões.

E, em meio a tudo isso, as tentações e seduções do consumo vão aparecendo, como uma panaceia nas palavras de Baudrillard (1995), um mito de liberdade e igualdade, o dinheiro o meio para tanto, o trabalho o meio para o dinheiro e o estudo o meio para o trabalho. Não há o que indagar, vamos logo estudar e trabalhar que eu quero é comprar. E como poderá ser visto nas próximas rodas de conversa, essa lógica ficará evidente nas opiniões dos participantes.

5.5 – RODAS DE CONVERSA SOBRE CONSUMO E CONSUMISMO

Por conta de sua semelhança e complementaridade os dados produzidos por essas duas temáticas serão apresentados e analisados conjuntamente nesse tópico. Seguem as duas tabelas consolidadas:

Tabela 06 – Tabela Consolidada sobre Consumo

Categorização das opiniões e relatos verbais e não-verbais dos participantes de todos os grupos				
Tema: Consumo; Questões disparadoras: O que é e O que significa				
<i>Ponto de Vista</i>	<i>Termos mais utilizados</i>	<i>Termos menos utilizados</i>	<i>Reações mais vistas</i>	<i>Reações menos vistas</i>
Do Participante	Preciso; Preço; Qualidade; Necessidade; Beleza; Conforto; Interesse; Sobrevivência	Utilidade; Propaganda; Quero; Luxo; Ganância; É preciso consumir; Marca	Incerteza; Desconforto; Dificuldade em dar uma opinião clara e concisa; Respostas rápidas e objetivas que mudaram com frequência;	Calma no momento de dar as respostas
Impressão do Participante acerca da opinião de seus pais	Preço; Qualidade; Sobrevivência;	Se as condições forem boas; Parcelar é bom;	Respostas decoradas, adivinhações, suposições não sabiam ao certo a opinião dos pais	Não houve nada significativo que ocorreu apenas uma ou duas vezes
Impressão do Participante acerca da opinião da Sociedade	CustoxBenefício; Aparência; Lucro; Desejo; Importante	Quando rende juros é melhor ainda; Status	Pareciam estar falando de algo óbvio	Não houve nada significativo que ocorreu apenas uma ou duas vezes

Consumismo

Categorização das opiniões e relatos verbais e não-verbais dos participantes de todos os grupos				
Tema: Consumismo; Questões disparadoras: O que é e O que significa				
<i>Ponto de Vista</i>	<i>Termos mais utilizados</i>	<i>Termos menos utilizados</i>	<i>Reações mais vistas</i>	<i>Reações menos vistas</i>
Do Participante	Eu acho que sou; Comprar sem precisar, só porque desejou; Arrependimento, quem nunca!?!; Quem tem muitos cartões de crédito; Tem bastante gente que é	Depende da ocasião; As vezes eu eu exagero; Eu sou; Não sei, tenho que pensar	Auto reflexão; Risadas; indagação sobre o que fariam se tivessem muito dinheiro	Indagações fora do assunto e críticas ao assunto; desconforto
Impressão do Participante acerca da opinião de seus pais	Meus pais me chamam de consumista as vezes; Minha mãe é; Pessoa que gasta muito dinheiro;	Meu pai gasta muito então ele deve ser;	Desconforto em meio as respostas de seus pais; risadas	Concordância com as próprias opiniões
Impressão do Participante acerca da opinião da Sociedade	Importante, dá muito dinheiro; Bom negócio; Normal; Sei lá;	Vantajoso; tem alguma coisa de graça nesse mundo?	Reflexão; Tom de crítica nas falas	Não houve nada significativo que ocorreu apenas um ou duas vezes

Os primeiros relatos obtidos seguiram um discurso simplista, talvez influenciados pelos pais – porém sem demonstrar muita convicção nas respostas –, defendendo o consumo como algo motivado pela sobrevivência ou necessidade, em que preço, qualidade e utilidade eram fatores determinantes, curiosamente, a mesma linha de argumentação observada inicialmente nas conversas sobre o dinheiro.

Houve uma certa inconsistência nas conversas em todos os grupos, muitos participantes pareciam desconfortáveis ou incertos sobre as suas opiniões, tanto que começaram com frases curtas e apoiadas nas opiniões do pais: compro porque é barato; compro porque preciso, tipo comida; consumo o necessário.

Principalmente nos grupos A e C, as conversas começaram a evoluir para a relação do consumo com fatores mais subjetivos, afinal, não consumimos apenas o básico para a sobrevivência, como foi apontado pelo mediador nas conversas, tendo feito esse apontamento,

as opiniões evoluíram para a questão das roupas, do celular, a propaganda na televisão foi citada e, inclusive, formas de pagamento como cartão de crédito foram mencionadas.

Mas, com a evolução das conversas, os discursos foram se alterando e outras opiniões mais elaboradas foram sendo expostas, a questão da vontade e do desejo foram aflorando, fatores menos racionais foram sendo considerados tais como beleza além do preço e da qualidade, o termo marca do produto foi citado, suscitando alguns apontamentos interessantes. conforme os relatos a seguir:

Para sobreviver, estar **apresentável** aos outros.

Eu consumo porque tenho **necessidade** de consumo.

Eu consumo porque tenho a **necessidade** de consumir, o que me motiva é o **interesse**.

O que me motiva consumir um certo produto é a **necessidade, raramente por luxo**.

Quando vou comprar algo, busco o mais **bonito**, que não seja tão caro, sendo o preço um dos fatores que mais intervém na compra, apesar que né, se for **bonito** você já sabe (risadas).

Consumo porque isso faz parte do nosso dia a dia, **somos motivados pela TV e as propagandas**, mas, também considero a qualidade e o preço, as formas de pagamento.

Além disso, um episódio peculiar ocorreu durante as conversas do grupo B que levou todos a refletirem a respeito, alguns participantes mencionaram sobre vencer na loteria e assim o grupo acabou se empolgando e falando sobre o que comprariam se tivessem tanto dinheiro, dessa forma algumas respostas interessantes ocorreram e acabaram por acarretar uma discussão bastante construtiva sobre consumismo, a seguir algumas dessas repostas:

Comprar vários terrenos onde geraria lucro e compraria casas onde alugaria e construiria um salão de beleza.

Comprava um carro, uma casa, um monte de coisa, monte de besteira hahaha

Comprar tudo do bom e do melhor, primeiramente roupas.

Ao final das conversas sobre consumo o mediador aproveitou para questionar sobre o ponto de vista da sociedade sobre o consumo, pois em todas as conversas o foco foi no ponto de vista pessoal e, em algumas frases, dos pais. Alguns poucos relatos foram obtidos acerca disso, a citar:

Na sociedade é muito importante pois eles ganham dinheiro em cima disso e muito dinheiro.

Para sobreviver a mídia, o mundo atual faz todos consumir em qualquer lugar que vá.

Sem o consumo não tinha cartão de crédito e juros né?

Ao que pareceu nas conversas o consumo para eles é útil à sociedade, visto como algo normal, do dia a dia. Poucas frases elaboradas foram ditas, apenas alguns comentários dispersos tais como: tudo hoje tem que se comprar ou dá status.

Seguindo as conversas, com exceção do grupo A, as rodas de conversa sobre Consumo e Consumismo ocorreram no mesmo dia, dessa forma, a evolução e auto reflexão das conversas observadas quando o tema central era o Consumo, progrediu quando tema era Consumismo – fato que continuou com menor intensidade no grupo A, uma vez que a conversa sobre Consumismo os fez lembrar da conversa sobre Consumo e ocorreu na mesma semana.

Porém, o padrão das conversas não se alterou muito, as opiniões embasadas nos pontos de vista dos pais permaneceram dispersas e sem convicção, mas, agora tiveram um tom de crítica, conforme alguns pequenos relatos:

Meu pai diz que eu sou...

O meu reclama que a minha mãe é...

Para meus pais eu devo ser um problema, pedindo dinheiro a todo momento pra gastar com roupas...

Não sei ao certo, eles não conversam comigo e meus irmãos sobre essas coisas, só reclamam da gente e do que a gente compra...

Já o ponto de vista pessoal acabou se tornando um momento de autoavaliação. Inicialmente, vieram as definições óbvias: consumista é quem gasta demais, quem compra muito, quem compra o que não precisa. Logo depois, vieram as constatações: pensando bem, até que eu sou às vezes, acho que eu sou, já me arrependi de umas compras já mas quem nunca? Cito dois relatos em que os participantes definiram o consumismo baseando em si mesmos:

As vezes porque eu estou precisando, ou às vezes porque eu sinto vontade de comprar algo ué?

Vontade de consumir. Satisfação, mas sem necessidade de ter.

Outra associação feita por eles que foi digna de nota foi o cartão de crédito, muitas vezes para eles gente consumista tem cartão de crédito, ou tem vários ou abusa do que tem, não que ter cartão fosse determinante mas quem era consumista com certeza teria um. Por um lado foi uma conclusão notável não associar o produto financeiro famigerado ao consumismo e sim a atitude de quem o possui como a causa do problema. Mas ao mesmo tempo, isso gera uma conclusão equivocada do que é consumista, ao associar consumismo a consumo de crédito.

O consumismo inevitavelmente leva um indivíduo ao endividamento, mas tal consequência pode demorar, além disso, uma pessoa pode ser consumista sem recorrer ao crédito, outro fator importante não mencionado é que consumista pode ser aquele que consome o desnecessário antes do essencial, deixando de lado contas como a de luz, água ou educação, em detrimento de parcelamentos do cartão de crédito ou a compra de um celular novo.

Por fim, ao analisarmos as duas tabelas e os termos utilizados, é possível inferir que a educação, seja na esfera que for, não deu um enfoque considerável a esses temas, as definições que os participantes deram foram semelhantes as dadas sobre dinheiro e sucesso, o peso das opiniões dos pais foi relativamente pequeno em

relação a outros temas, demonstração de que é um assunto pouco abordado entre eles.

Além disso, ao contrário das outras conversas, os termos: *não sei, sei lá e acho* foram bastante utilizados em todos os grupos, todas as outras conversas os participantes debateram e conversaram bastante, apresentaram opiniões e problematizaram os temas centrais. Já nas conversas sobre consumo e, principalmente, consumismo isso não foi tão observado logo de início, o que demonstra que a compreensão e problematização do consumo e do consumismo é complicada e nova para esses sujeitos – era de se esperar que temas mais abstratos como dinheiro e sucesso fossem produzir esse efeito o que não ocorreu.

Por fim, ao longo das conversas as respostas variaram bastante, alguns pontos chave puderam ser identificados, porém, apesar de certas referências acerca do consumo terem se mantido em diversos discursos, foi possível perceber que os participantes refletiram bastante sobre a temática do consumo e do consumismo.

Mas ainda assim, um ponto que já era esperado foi observado, assim como defendido por Bauman e Baudrillard ao longo do referencial teórico dessa dissertação, o consumo foi associado a desejo, ao precisar, à necessidade, à beleza, enfim, a diversos fatores não objetivos, influência do discurso capitalista da sociedade de consumo, fruto da mídia e da propaganda. Poucas vezes, referenciado à utilidade, mas foi, evidência de uma singularização.

Apesar dos pesares, diversas singularizações puderam ser observadas em todas as rodas – as quais foram evidenciadas nos relatos expostos previamente –, talvez consequência das problematizações desses temas promovidas pela dinâmica das rodas de conversa, assim como um desenvolvimento das opiniões dos sujeitos também pôde ser notado conforme as rodas foram sendo realizadas. Opiniões e reações físicas – detalhadas nas tabelas – que ocorreram,

em menor medida, contrárias aos discursos hegemônicos do capital foram observadas em todos os encontros. Pode-se afirmar que as rodas de conversas se mostraram uma técnica que favoreceu a espontaneidade, reflexão, autonomia e criatividade dos jovens participantes dessa pesquisa. Acerca disso cito alguns relatos dados ao final das rodas após o professor declarar que as dinâmicas para a pesquisa haviam sido completadas:

Adorei professor, gostaria que a gente fizesse mais disso!

Ahhhh que pena, estava gostando desse rolê

Pô professor, podíamos fazer isso durante sua aula né?
(risadas)

Foi divertido pra caramba, aprendi bastante viu.

Seguem as considerações finais e as referências bibliográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil e no mundo a literatura acadêmica sobre o tema consumo e suas derivantes, como os hábitos de consumo e o consumismo, é vasta, como já foi exposto previamente. Assim como o referencial teórico sobre a subjetividade humana e o processo de construção do indivíduo também é bastante completa.

Uma das intenções que foi priorizada durante a construção dessa dissertação foi a de apresentar um mestrado na forma escrita sem carecer da (intransponível e irredutível) participação da interação entre os tópicos abordados e seu referencial teórico, assim como da participação do leitor como não só um observador alheio ao texto, mas um participante ativo na reformulação de conceitos e resoluções através de sua leitura e interpretação única.

Talvez a mais relevante das qualidades desse mestrado é que ele não tem a intenção de ditar regras, mas sim, de abrir a mente daqueles envolvidos (diretamente ou não), através da introdução de perguntas e indagações, através de uma pesquisa de campo que se valeu de uma metodologia que permitiu aos sujeitos da pesquisa problematizarem sobre sua condição e certos temas. Deve-se ressaltar a necessidade da subjetividade nessa pesquisa, tornando todo o resultado passível de reformulação, porém apropriado à realidade originalmente pesquisada.

Diante disso, esta pesquisa teve por objetivo analisar as influências da sociedade de consumo e suas diversas produções de subjetividades sobre os discursos de um grupo de jovens do ensino técnico profissionalizante. Buscou-se também discutir o papel da educação financeira e sociocomunitária perante essas produções de subjetividades, além de buscar compreender melhor o fenômeno do consumismo, por meio da problematização do ato de consumir.

O consumo hoje é um processo social e econômico bastante complexo, como visto previamente, ele é tão natural, necessário e

recorrente no cotidiano de todos que dificilmente são problematizados ou questionados. Uma demonstração disso pôde ser observada nas variadas opiniões – e no aparente desconforto misturado com incerteza – dos participantes das rodas de conversa em que esse foi o tema central, e também nas rodas em que ele não foi o tema central, tais como no dinheiro e sucesso em que figurou como um dos termos mais recorrentes.

O que se pode, então, concluir disso é que a subjetividade capitalista está conseguindo influenciar esses jovens e está culminando em uma concepção muito fraca e alienada do que é o consumo e o consumismo. Se for tomado em conta os discursos e opiniões expressos nas rodas de conversa sobre dinheiro, sucesso, felicidade e trabalho/estudos, pode-se observar que o consumo foi referenciado à todo momento.

Conforme defendido pelo arcabouço teórico apresentado nessa pesquisa, o ser humano não possui algo dentro de si que sirva como um parâmetro de definição de quem ele é ou será, muito pelo contrário, sua maneira única de interpretação da realidade e sua capacidade de se transformar a cada nova experiência o tornam uma figura mutante dotada de uma subjetividade única, porém, influenciável pelas forças a seu redor.

É diante desse fato, reconhecido e convenientemente utilizado pelo sistema capitalista, em que as produções de subjetividades advindas dessa lógica do sistema tomam forma, buscando fabricar mensagens e significações deturpadoras, por meio de diversos mecanismos de subjetivação, para que dessa forma sejam construídos um rol de diferentes significações para conceitos pertinentes para a perpetuação do sistema.

Bauman e Baudrillard discutem, em suas respectivas obras, que Consumo e Consumismo são alguns dos conceitos que sofreram tais influências em seus significados, da mesma forma, por meio da análise

dos discursos dos participantes coletados nas diversas rodas de conversa realizadas nessa pesquisa pode-se inferir que, de fato, há uma vasta produção de subjetividades capitalistas atuando sobre esses jovens, inclusive, em certa medida, ela é parcialmente percebida pelos sujeitos, porém, pouco problematizada, uma vez que muitas vezes suas opiniões se assemelhavam à lógica do capital, sendo o consumo e o consumismo um dos conceitos mais representativos.

Porém, não apenas consumo e consumismo tiveram seus significados deturpados, outros conceitos latentes mas também importantes para a perpetuação dessa lógica do capital sofrem influências, tais como sucesso, felicidade, trabalho, estudos e dinheiro. No arcabouço teórico dessa pesquisa foi abordado como o sistema se valeu da alteração do papel do consumo na sociedade e na economia para manter a sua hegemonia, o consumo passa a ser central na economia e os indivíduos deixam de ser trabalhadores e passam a ser consumidores.

Por meio da análise dos discursos desses jovens acerca de suas percepções dos discursos de seus pais, da sociedade e pessoais, é possível indagar que esse processo de alteração não se restringiu apenas ao consumo e consumismo. Para que o efeito dessa alteração do papel do consumo como peça chave da ordem socioeconômica fosse pleno, outros temas precisam ser alterados, ao mesmo tempo, esse é um efeito recíproco, a alteração do papel do consumo acaba por influenciar na alteração de outros conceitos, tais como o dinheiro, e as primeiras rodas de conversa permitiram visualizar essa alteração.

Economicamente falando, dinheiro é riqueza e também um meio de troca pelo qual pode-se obter outras mercadorias. Desde o mercantilismo até o capitalismo moderno o foco dos capitalistas – do homens racionais e utilitaristas – foi a acumulação de riquezas, fosse pelo aumento de seu patrimônio material, mineral, animal, ou monetário, o foco das nações e dos indivíduos na economia, em tese,

deveria ser a acumulação de riquezas, fazer poupança e investir. Por isso, a busca incessante por acréscimos no valor agregado, na produtividade, a mais valia e assim por diante.

Porém, poucos foram os discursos coletados na rodas de conversa que referenciaram o dinheiro à riqueza nesse sentido, inclusive, nos momentos em que a discussão nas conversas orientou-se para o que fazer caso se tivesse muito dinheiro em mãos, a poupança ou o investimento desse dinheiro não foram mencionados, a única referência próxima a essa lógica foram algumas menções à aquisição de uma casa própria.

Na maioria das vezes em que o dinheiro surgiu nas conversas, fosse nas rodas sobre dinheiro, fossem em outras rodas de conversa com outros temas, quando ele aparecia nos discursos, sua utilidade prática era o consumo, em poucas palavras “dinheiro serve pra gastar”. Aparentemente, a lógica da acumulação de riquezas, de dinheiro é algo exclusivo aos muito ricos e poderosos, enquanto para a maioria, o foco é gastar, consumir.

Se analisarmos tal constatação veremos que é algo bem razoável e lógico, uma vez que na sociedade de consumo a acumulação e a poupança implicam na redução dos gastos das famílias, é preciso haver uma redução do consumo para que haja economia no orçamento familiar e assim uma poupança possa ser constituída. Logo, tal cenário não é interessante em uma realidade em que o consumo precisa sempre estar em alta, em uma economia de super produção, o consumo precisa ser tão elevado que o crédito precisa existir para permitir que os gastos com consumo ultrapassem os limites orçamentários mensais das famílias, sendo assim, a associação direta entre dinheiro e consumo se faz necessária, para que assim, a ato de poupar seja esquecido e o consumo e consumismo perdurem.

Tal lógica nefasta extrapola para além do dinheiro, alcançado outros conceitos e, até mesmo, hábitos, o desejo de consumir, criado

com os intensos e excessivos esforços de marketing, chega a transformar o consumo em algo tão necessário que ele ocorre antes mesmo de se ter o dinheiro em mãos, auxiliado pelo crédito e incentivado por esse desejo “incontrolável” de consumir, as pessoas se endividam antes mesmo de terem uma renda, compram o que desejam, o que “precisam”, e depois buscam formas de obtenção de renda para pagar as obrigações financeiras.

O crescente número de jovens endividados é uma evidência desse fato, se analisados os discursos desses jovens pode-se perceber que de fato isso está ocorrendo, as rodas de conversa permitiram perceber nos jovens participantes uma capacidade limitada de problematizar suas motivações na hora de consumir, assim como, quando indagados de suas motivações para estudar e trabalhar, a associação ao consumir ocorreu diversas vezes, muitos buscavam os estudos como forma de acelerar sua inserção no mercado de trabalho, por sua vez, o trabalho era objetivado apenas pelo fato deste proporcionar uma renda, dinheiro, que por sua vez, seria logo direcionado ao consumo ou a quitação de dívidas, despesas da família e assim por diante.

Logicamente, o apelo comercial é parte responsável por esse ímpeto de consumir, não só mediante as propagandas na mídia, o poder do marketing e sua capacidade de influenciar os indivíduos está em sua capacidade de atuar pelas entrelinhas, o marketing indireto é mais eficiente que o direto. Tal fato foi observado nas rodas de conversa, quando as motivações para o consumo foram questionadas, fatores como pressões familiares e dos amigos permearam as conversas como sendo alguns dos determinantes na hora da compra, assim como o desejo pessoal, beleza visual, qualidade e preço.

Por fim, a análise dos dados coletados nas conversas sobre sucesso e felicidade permitiram compreender melhor o consumismo, enquanto dinheiro, estudos e trabalho figuram como meios para se conseguir consumir, fazendo assim, parte de uma lógica do capital

nefasta e alienante, sucesso e felicidade permitiram compreender de onde nasce tamanho desejo por consumir, fato que pode levar ao consumismo e ao endividamento crônico.

Assim como, nas rodas de conversa o sucesso e a felicidade foram associados ao consumo. O poder ou capacidade de consumir o que quiser, em outras palavras, a liberdade de consumir, era associada ao sucesso e a felicidade, não necessariamente uma associação que os participantes compactuavam com, mas que para eles era percebida como uma forma de sucesso e felicidade, ou seja, sucedido e feliz era a pessoa que podia comprar o que quisesse, quando quisesse e aonde quisesse, mas isso, não necessariamente era o que os participantes buscavam para si, essa era a percepção que eles tinham desse conceito segundo o que a sociedade lhes transmitia. Como eles mesmo definiram: “nas propagandas as pessoas sucedidas são felizes, bem vestidas, magras e bonitas, tem um carro caro e luxuoso e casas grandes”.

Mas muitas outras associações ao sucesso e felicidade foram feitas também, tais como constituir uma família, encontrar amor ou se amar, as amizades etc. Porém, é necessário salientar que muitas das atitudes e decisões tomadas por esses jovens seguem em parte a lógica do capital, ao visualizarem a educação como uma “trampolim” para o mercado trabalho e o emprego como uma fonte exclusiva de renda que por sua vez será direcionado imediatamente ao consumo, sem a devida problematização desses fatos, é possível indagar que em algum momento suas concepções acerca de sucesso e felicidade serão semelhantes à lógica do capital.

Para concluir, outro conceito foi observado, ainda de forma bastante disfarçada, nos discursos desses participantes, foi possível associar o consumo e o dinheiro à liberdade. Aparentemente, nesse mundo globalizado pós-guerra fria, liberdade parece ser algo associado ao consumo, liberdade de poder comprar, liberdade de poder sair e se

divertir, liberdade de comprar aquilo que quiser, sem ser cobrado pelos familiares, nem ser impedido pela falta de dinheiro. Em um mundo em que a depressão e a frustração não param de crescer, diversas vezes a frustração ou indignação com a incapacidade de poder comprar ou gastar com aquilo que quisessem surgiu nos discursos dos participantes dessa pesquisa, em todos os temas, em maior ou menor medida, o consumo foi mencionado, referenciado, demonstrando de que a lógica do capital atua tanto sobre temas diretos como sobre os temas latentes.

Consequentemente, muitas das opiniões e percepções desses participantes era carregada de um lógica de causa e consequência orientado para o consumo, gerando assim um ciclo que partia do consumo, para os estudos, em seguida para o trabalho, que por fim resulta no dinheiro, que por sua vez seria gasto com consumo, fechando assim esse ciclo.

Mas nem tudo que foi observado ao longo dessa pesquisa é tão fatalista ou determinante, muitas singularizações foram observadas ao longo das conversas, diversas opiniões contrárias à essa lógica do capital puderam ser observadas, assim como, ao longo das dinâmicas um processo de auto reflexão e problematização dos temas e das afirmações dadas nas conversas foi se desenhando. Como diria Guattari (2001) a capacidade humana de interpretar e perceber o mundo de forma única permite a invenção de novas estratégias para interagir com as diversas forças presentes que constantemente nos bombardeiam com suas subjetividades, tornando assim a subjetividade humana algo mutante e vivo.

Ao longo do capítulo 5 diversas singularizações foram destacadas, assim como pôde ser observado nas tabelas consolidadas, algumas contrárias à lógica das conversas, muitas contrárias a lógica sistêmica. E talvez essa a maior contribuição e mais relevante constatação dessa pesquisa. A roda de conversa, mesmo que sem essa

intenção, se mostrou ao longo de sua execução como um instrumento educativo capaz de permitir aos seus participantes problematizar e refletir sobre diversos temas e isso ocorreu de diversas formas.

Diante dessa constatação, uma educação financeira com um viés sociocomunitário poderia atuar potencializando essas singularizações, auxiliando na emancipação e no desenvolvimento do discernimento desses sujeitos frente a essa realidade da sociedade de consumo. Porém, como já foi dito na apresentação dessa dissertação, cabe aqui uma observação muito relevante, há educação financeira pensada nesse texto não é a mesma concebida pelos programas básicos presentes na pesquisa do ENEF. Não que estudar os juros, orçamento familiar, fluxo de caixa, formas de economizar água e luz, não sejam importantes ou necessárias, muito pelo contrário, são e devem fazer parte do processo educativo aqui defendido, de fato, já deveriam ser parte do currículo educativo básico como ocorre em diversos países como EUA, Inglaterra e Canadá – que apesar de serem nações em que os discursos capitalistas e consumistas são comuns, não deixam de promover a educação sobre economia doméstica, conhecida lá como *home economics*.

Ao tratar da importância que uma educação financeira pode ter diante dessas subjetivações capitalistas como um instrumento que promova as singularizações e a emancipação desses sujeitos, refiro-me a uma concepção de educação financeira muito mais abrangente, com mais foco na Educação do que na Financeira, que discuta e promova uma reflexão crítica acerca do papel do dinheiro no cotidiano das pessoas, do consumo, das causas e consequências do consumismo, além, é claro, de abordar de forma objetiva e prática as questões específicas das finanças pessoais – exatamente um linha educativa com princípios sociocomunitários, que se valha de dinâmicas participativas tais como foram as rodas de conversa utilizadas nessa pesquisa.

E é diante disso, que a educação pode, e deve, atuar, por meio de uma dinâmica tão simples e curta, que foram as rodas de conversa, com algumas horas de conversa aberta e livre, em um ambiente favorável à problematização da realidade e dos temas em pauta, foi possível observar e vivenciar nos participantes esse processo de ruptura e singularização.

Ao dar a autonomia aos participantes para se expressarem e, ao mesmo tempo, terem de escutar e lidar com as opiniões dos outros participantes – que poderiam ser contrárias resultando assim em discussões – as rodas de conversa promoveram nos participantes a problematização dos temas discutidos, assim como permitiram a eles um debate entre diferentes posicionamentos e pontos de vista.

É evidente que um esforço maior e prolongado deve ser dedicado a eles para que haja uma ampla emancipação de sua subjetividade diante da lógica sistêmica, mas é exatamente nesse ponto que reside a importância de se pensar nos modos e formas de educar. E talvez a educação financeira, com um viés sociocomunitário, possa promover o fortalecimento de processos de singularização da subjetividade de seus alunos frente a essa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), Retratos da juventude brasileira (pp. 37-72). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

AGARWAL, S. et al. **The Age of Reason: Financial Decisions over the Life-Cycle with Implications for Regulation. The Brookings Papers on Economic Activity**. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:4554335>, 2009.

AQUINO, L. **A juventude como foco das políticas públicas**. In J. A. Castro, L. M. C. Aquino & C. C. Andrade (Orgs.), Juventude e Políticas Sociais no Brasil (pp. 25-39). Brasília: IPEA, 2009

BARBOSA, L. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 2009.

BAUDRILLARD, J. **Á sombra das maiorias silenciosas: o fim do socialismo e o surgimento das massas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____ **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____ **O sistema dos objetos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BC (Banco Central do Brasil). **Relatório de Estabilidade Financeira**, 2014.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRUZ, C. C. **A era dos sentimentos descartáveis**. São Paulo: SESC, 2013.

CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo). **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor – Peic**, 2014.

DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume** (L.B.L. Orlandi, trad.). São Paulo: Editora 34,

2001

Foucault (C.S. Martins, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1988.

ESTEVES, L. C. G; ABRAMOVAY, M. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas.** In M. Abramovay, E. R. Andrade & L. C. Esteves (Orgs.), *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade* (pp. 21-56). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 2002

Hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004

GASKELL, G. et al. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GADOTTI, M. **Educação popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** 2012

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livros, 2005.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil.** In: WELLER, W.; PFAFF, N. *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008

GOMES, P. **Educação Sócio-comunitária: delimitações e perspectivas.** 2009. Disponível em: http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/09/mesa_8_texto_do_paulo.pdf

GROPPO, L. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROPPO, L. et. al. **Sociologia da Educação Sociocomunitária.** Holambra: Setembro, 2013

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 2001.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1996.

GUERRA, R. **Dimensões do consumo na vida social**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar – PNAD**. 2008-2011.

LADRIÈRE, J. “Prefácio”. In: BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991. p. 9-22.

LEÃO, Geraldo et. al. **Juventude, pobreza e ações socioeducativas no Brasil**. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis**. São Paulo: Global, 2007. p. 47-82.

LIMA, N.S.T. **Educação social e escolar: sobre produção de subjetividades, afetos e girassóis**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2012.

LOURENÇO, G. M. **Os Jovens e o Endividamento Familiar**. 2013.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MARX, K. **O capital: livro I, vol. 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa**. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

NASCIMENTO, M. L. et. al. **Jovens pobres: o mito da periculosidade**. In P. C. P. Fraga & J. A. S. Iulianelli (Orgs.), **Jovens em tempo real** (pp. 19-37). Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

OMS. **The World health report**. Lisboa: WHO, 2002.

RABINOW, P. & DREYFUS, H.. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica** (V. P. Carrero, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

ROSENBERG, N. **A história da riqueza do ocidente – A transformação econômica no mundo industrial**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SAMPAIO et al. **Limites e potencialidades das rodas de conversa no**

cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. Botucatu: Interface, p.1299-1312, 2014.

SANDRONI, P. **Novíssimo Dicionário de Economia.** São Paulo: Best Seller, 1999.

SAVOIA, J. et al. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** Rio de Janeiro: Dez, 2007.

SERASA. **IndEF – Indicador de Educação Financeira.** 2014b.

_____. **Relatório de Pesquisa do Indicador de Educação Financeira (IndEF).** 2014a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O adeus às metanarrativas educacionais. In: (org.).O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, p.247-258, 1994.

SOUZA, M. A. A. **A juventude no plural: anotações sobre a emergência da juventude.** In R. Alvim, T. Queiroz & E. Ferreira Jr. (Orgs.), *Jovens & juventudes* (pp. 89-107). João Pessoa: Editora Universitária PPGS/UFPB. 2005

SOUZA, C. et. al. **Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real.** *Estudos de Psicologia*, 17(3), setembro-dezembro/2012, p.353-360.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação.** *Revista Brasileira de Educação*, nº23, mai-ago 2003, p.5-15.